

O GRANDE TERRAMOTO DE LISBOA

DO ANO DA GRAÇA DE 1755

– DISSERTAÇÃO –

«Quanquam animus meminisse horet, luctuque refugit. Incipiam!»

Tradução: Embora minha mente estremeça com o pensamento e se retraia de tristeza. Vou começar!

«Crudelis ubique»

Tradução: Cruel em todos os lugares.

«Luctus, ubique Pavor, et plurima Mortis Imago!»

Tradução: Luto generalizado, medo em todos os lugares e muitas imagens de morte!

«Apocalypticus!»

Tradução: Apocalíptico!

«Parece que a população estava toda absorta com a ideia que era o Dia do Juízo Final [o Fim do Mundo]; e desejando, portanto, empregar-se em boas acções, tinham-se coberto de crucifixos e santos; homens e mulheres, sem distinção, durante os intervalos entre os abalos [as réplicas do tremor de terra] estavam quer a cantar ladainhas [ou *litania*; é uma forma de oração católica curta e com invocações aos Santos, à Virgem Maria ou à Santíssima Trindade, com interjeições como: «Rogai por nós!»; «Tende piedade de nós!»; «Ouvi-nos!». A palavra ladainha deriva do grego «litaneía» e do latim «*litania*», significando oração, súplica ou rōgo, em busca de intercessão, usada no culto católico, levando os fiéis-crentes a um estado espiritual de imersão na fé, introspecção e devoção] quer, num fervor de zelo, a atormentar os moribundos com cerimónias religiosas; e sempre que a terra tremia, bradavam «Misericórdia!» Todos de joelhos, nos tons de voz mais dolorosos que se possam imaginar [das emoções-reacções psicológicas da população]. O receio, por conseguinte, de que o meu estado [o narrador-relator encontrava-se ferido, vítima do terramoto] pudesse incitar a sua piedade [compaixão, no sentido de religiosidade, e consequentes práticas religiosas católicas, sendo o contador um cidadão inglês que vivia em Lisboa, que professava a fé-religião protestante, o que provocaria um choque de valores e axiologia cristã entre a Reforma Protestante e a Contra-Reforma Católica] numa altura como esta, em que todo o Governo se achava paralisado

[da inacção provocada pela comoção e medo que o terramoto trouxe] e era possível adivinhar que viragem o seu zelo furioso [devoção religiosa] podia tomar contra esse pior dos criminosos, o «Herege» [o não crente católico; aquele que confessava-revelava a fé protestante; logo, uma pessoa que professava uma crença, fé ou prática religiosa devota contrária à doutrina ou aos dogmas – do grego, dógma, que significa de opinião e acreditar naquilo que se pensa ser a verdade inquestionável e indiscutível; a verdade revelada – do catolicismo estabelecidos, no caso, e em contexto religioso, aquele que segue-convoca uma heresia: ser protestante e não católico]! Fez-me recear a aproximação de qualquer pessoa. Junte-se igualmente a isto, que o Cais da Pedra [que significa um cais construído em pedra, não sendo específico para este ou aquele cais em concreto, mas uma designação geral aplicada a vários cais em pedra, na Lisboa ribeirinha setecentista (século XVIII), significando o embarcadouro (cais, porto) e a muralha que o rodeia; rodeava. O primeiro cais da pedra de que há registo, localizado no Terreiro do Paço, foi mandado construir pelo rei D. Manuel I e terminado por D. João III], adjacente a esta praça [o Terreiro do Paço, também conhecido como Praça do Comércio; na época, em 1755, aquando do Grande Terramoto, o maior cataclismo natural jamais acontecido na Europa, a praça-zona era conhecida como Paço da Ribeira – Baixa de Lisboa, junto ao rio Tejo, uma das maiores praças europeias – que significava-afirmava o poder real e o centro administrativo da cidade de Lisboa, capital do reino de Portugal e dos Algarves, título adoptado pelo rei português D. Sancho I e mantido pelos seus sucessores até ao século XVI], já se tinha afundado e o mínimo avanço da água submergir-nos-ia a todos. Passei cerca de duas horas em tais considerações, durante as quais, o Sr. Forg e toda a sua família tinham vindo para a praça e se juntaram à família do Sr. Graves. As chamas estavam quase defronte [...] Verifiquei que a Sr.^a Graves era de opinião corrente [colectiva] de que se tratava do último dia [o Dia do Juízo Final, o Fim do Mundo]; e, ao tentar convencê-la do contrário, ela disse-me que era de pouca importância para nós, já que as chamas [do incêndio que lavrava-lavrou em Lisboa a seguir ao Terramoto] estavam mesmo a aproximar-se das lojas de pólvora no lado oposto e ela esperava que explodissem a qualquer momento. Este novo terror [horripilante horror] impediu-me de continuar a falar e aguardámos todos o acontecimento silenciosamente [à espera do destino, das explosões devastadoras e mortais], [...] embora houvesse três explosões, umas sucedendo imediatamente às outras com um grande estrondo, não foram acompanhadas, pelo que conseguimos saber, de qualquer prejuízo [humano, morte(s)]». (The Lisbon Earthquake of 1755 – British Accounts – O Terramoto de Lisboa de 1755 – Testemunhos Britânicos – Um relato do que aconteceu ao Sr. Thomas Chase, em Lisboa, no Grande Terramoto: [narrado]-escrito por ele próprio, numa carta a sua mãe, datada de 31 de Dezembro de 1755, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Edição bilingue inglês/português, 1990, pp. 86/87, 98/99).

A narrativa do Sr. Thomas Chase teve publicação primeira *in* The Gentleman's Magazine, Londres, 1813, Vol. LXXXIII [83], Fevereiro, pp. 105-110, Março, pp. 201-206, Abril, pp. 314-317.

A abrir o nosso texto-dissertação, até aqui a citação-testemunho e documento-carta da época, e porquê? Porque é uma fonte histórica coetânea que reúne os três elementos naturais que interagiram com o quarto elemento – a terra, que tremeu, tremeu e tremeu – e do caos caótico dos elementos que conflagraram no terrível Terramoto de Lisboa, no século XVIII, ano da graça de 1755, no dia 1 de Novembro, coincidente com o feriado religioso do Dia de Todos-os-Santos – «ironia das ironias» – um sábado, sismo cataclísmico – de grau-ponto 8,7 a 9,5 na escala logarítmica de Richter – sistema usado da vírgula decimal, que significa dos tremores de terra registados mais devastadores e intensos da História, de destruição catastrófica massiva total ou quase total – (como nota, deixar o registo de que o grau 10 nunca se verificou, sendo que teoricamente a escala richteriana pode ser matematicamente infinita; o maior impacto jamais assinalado, notório, verificou-se no Chile, a 22 de Maio de 1960, em Valdivia, com um sismo de magnitude confirmada de 9,5 na escala de Richter, sentido em várias partes do mundo e seguido de um maremoto-tsunami que se propagou-afectou (n)o oceano Pacífico, causando danos e vítimas no Havai, Japão e Filipinas) – que devastou a cidade e capital do reino de Portugal, seguido de um maremoto (sismo no fundo do oceano Atlântico que causou o deslocamento de uma grande massa de água), seguido de um tsunami (o efeito colateral do maremoto, uma série de ondas gigantescas libertadoras de grande quantidade de energia que se propaga pelo oceano e que ao chegar à costa provoca grande, grandíssima destruição), e de um-vários incêndios que deflagraram por toda a cidade e que lavraram-arderam por quase uma semana: 5 a 6 dias seguidos segundo os registos coevos. Onde – terramoto-maremoto-tsunami-fogo – a natureza em fúria-ímpeto e a cólera-ira rompante dos elementos naturais, evento que marcou a história da capital portuguesa e a arquitectura setecentista de reconstrução lisboeta e da Baixa, à imagem, estilo e semelhança pombalina.

De acordo com os especialistas-cientistas na matéria – sismólogos – é facto certo vir a acontecer no futuro vindouro, um novo e devastador terramoto em Lisboa, que pode sobrevir a qualquer momento e instante fatídico – infelizmente, parece que o relógio *natura*-terrestre está em contagem decrescente e vem-se aproximando a morte marcada com o destino; a possibilidade real de um novo terramoto, amplamente destrutivo em Lisboa, deve-se ao facto da localização da «cidade Alfacinha» na fronteira entre as placas tectónicas da Eurásia (massa de terra combinada da Europa e da Ásia, que são dois continentes conectados sem um oceano que os separe) e da Núbia (a maior parte da placa africana, que está em processo de separação da outra-restante porção da placa africana, podendo num futuro distante vir a dividir a África); placas que convergem lentamente, 4 a 5 mm por ano e a acelerar segundo medições de GPS mais recentes a indicarem

um aumento anual da fissura de 7 mm por ano; a relação entre as placas tectónicas tem a ver com a condicionalidade-contingência da placa da Núbia se estar a separar da placa da Somália (África oriental) e da sua fronteira com a placa da Eurásia, a Sul, que é uma zona de convergência onde ocorre actividade sísmica e vulcânica e sismos, como é o caso do grande sismo de Lisboa de 1755 – acumulando tensão na crosta terrestre, que mais dia menos dia irá libertar-se. Embora a deformação seja lenta, é altíssima a probabilidade real de um novo e mega-terramoto em Lisboa, sendo muito preocupante a descoberta recente da fissura aumentada-activa. A localização de Lisboa numa área geologicamente activa, com duas grandes placas tectónicas a colidirem, não ajuda nada, mesmo nada, sendo que cientificamente é impossível prever e antecipar a data exacta do novo Grande Terramoto de Lisboa – «inevitável» – com a impossibilidade de nada poder(em) fazer os homens; resta a prevenção e a monitorização-medições atenta, atempada e antecipada de cenários-evacuação e da protecção civil em prontidão. Fazemos votos de adiamento *ad infinitum* de um novo cenário de terramoto em Lisboa – de *infinitum dilationem* –

Trazemos hoje aqui à colação, também num sábado, nesta data que assinala os 270 anos do dantesco e infernal «Grande Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755», o cenário histórico humanamente vivido há quase três séculos atrás na capital do reino de Portugal, sendo rei D. José I e Pombal Secretário de Estado do Reino: Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra entre 1750 e 1755; posteriormente, entre 1755-1777 Pombal foi Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino, assumindo na prática e em plenitude a chefia do Governo, que corresponde ao actual cargo de Primeiro-Ministro. Sebastião José de Carvalho e Melo (um estrangeirado, foi um diplomata e embaixador de Portugal nas cortes de Inglaterra e Áustria; como ministro do rei D. José I, implementou todo um conjunto de reformas no âmbito do despotismo esclarecido, que incorporou o ideal intelectual e filosófico do século XVIII do Iluminismo e das ideias iluministas que valorizava a razão para amodernar o reino-estado, para o progresso, para o conhecimento, para a organização da sociedade e do impacto do racionalismo crítico – do despotismo esclarecido dos déspotas-autocratas: razão, progresso, ciência e reformas para modernizar o Estado – sem abrir mão do poder absoluto da Coroa e da centralização administrativa), mais tarde conhecido como Marquês de Pombal, que assumiu um papel de enorme importância-relevância na reedificação de Lisboa destruída – Pombal destaca-se pela relevância histórica e arquitectónica do «estilo pombalino» na reconstrução e modernização de Lisboa, comprovada pela criação da Baixa Pombalina, de execução idealizada-concretizada a régua e esquadro, um plano urbanístico inovador que transformou a zona mais afectada pelo Grande Terramoto de 1755, ao introduzir um novo modelo-paradigma de cidade com ruas rectas, largas e lineares-rectilíneas dispostas em paralelo, de geometria-arquitectura funcional – ruas em grade – organizadas segundo um plano ortogonal, com quarteirões perpendiculares (com ângulos rectos a 90°),

plano que incluiu a criação de praças largas, como a Praça do Comércio e o Rossio, e o uso da «gaiola pombalina», uma estrutura-sistema de construção anti-sísmica tridimensional (em comprimento, largura e altura) de madeira incorporada nas paredes de alvenaria para absorção e dissipação preventiva da energia libertada por futuros terremotos, para reforçar os edifícios contra abalos sísmicos, infra-estrutura de esgotos, corta-fogos entre edifícios e requalificação de espaços públicos – e que realizou reformas-melhoramentos sociais abrangentes na administração, na economia e educacionais na sociedade portuguesa da época.

Aquando da terrível catástrofe, Pombal terá proferido a famosa frase: «Enterrem os mortos [para impedir-prevenir as doenças e epidemias] e alimentem os vivos». O que demonstra tratar-se de um estadista, homem de Estado e governante pragmático, político com sentido prático e de eficiente prontidão na resolução da «crise terramótica» – sepultar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos – enterrar a morte (medida sanitária); vivificar a vida e estabilizar o país-reino (controlo da ordem pública que visava evitar os saques e a criminalidade no fito das pilhagens e o caos, e o foco na reconstrução, com Pombal a enviar a todos os bispos do reino, em 1756, um questionário com treze (13) perguntas para recolher informações sobre os efeitos do Grande Terramoto e o estado do reino); evitar a entrada de problemas externos (medida de segurança nacional contra inimigos de Portugal e aproveitadores da crise portuguesa). Pombal em plena animalidade política, governança e assertividade.

O Grande Terramoto-calamidade de Lisboa de 1755 foi o assunto-notícia portuguesa de maior e mais imediata e generalizada repercussão na Europa. Gerou fortes emoções, solidariedade altruísta e movimentações a nível científico, religioso e filosófico de influência duradoura-persistente – com o guião-cenário da tragédia a ser alimentado pelos relatos-descrições do marcante acontecimento para os sobreviventes, e de alegação-testemunho da terra continuar a tremer com tremores, abalos e réplicas durante semanas, senão meses seguintes, nomeadamente por cidadãos ingleses que residiam em Lisboa-Portugal – tal o pavor causado entre a população civil por tamanho sismo tão destrutivo e pela mortandade causada; e com a notícia a espalhar-se lenta-temporal e exponencialmente pela Europa, dos relatos de estrangeiros, com destaque para os britânicos, franceses e alemães «daquela cidade [Lisboa] que agora já não existe», e alimentada pela literatura de inspiração dramática, trágica e de tragicidade.

Deixamos aqui a nota de que o pânico-trauma foi tal e tamanho que após o Grande Terramoto de 1755, D. José I, rei de Portugal, que sobreviveu, com medo dos edifícios construídos em pedra, ordenou a construção da Real Barraca, um palácio de madeira em Belém, onde viveu até à sua morte, a 24 de Fevereiro de 1777 (data que também assinala a ascensão de D. Maria I ao trono (filha) e o afastamento e fim da influência-poder do Marquês de Pombal; das rivalidades

entre a nova monarca e o autoritarismo de Pombal, nomeadamente no que toca ao «Processo dos Távoras» relacionado com o atentado contra D. José I, o anti-clericalismo pombalino, disputas sobre a sucessão ao trono e antipatia mútua, retirando-lhe todos os cargos, afastando-o do Governo e tendo ostracizado e banido Pombal para fora de Lisboa e proibindo-o de estar a uma distância inferior a vinte milhas da capital, ou seja, a aproximadamente 32,19 km; usado o factor de conversão de 20 milhas x 1,60934 ~ 32,1868 km, o que dá cerca de 32,19 quilómetros). Esta residência, a Real Barraca, serviu a corte durante cerca de trinta anos, até ser completamente destruída por um incêndio em 1794.

O litoral sul português, Setúbal e o Algarve também foram atingidos com abalos sísmicos, inundações das zonas ribeirinhas, destruição de embarcações, edifícios e danos severos nas muralhas e fortificações defensivas no caso de Setúbal; e o Algarve, especialmente a cidade de Lagos, também sofreu danos substanciais nas muralhas e fortificações, ficando muito danificados o Forte do Pinhão e a Ponta da Bandeira; ambas as cidades do litoral sul português foram afectadas pelo tsunami que se propagou.

Surgiram teorias e foram dadas explicações, indo do imaginário fantasioso, à ciência, à filosofia e à religião: do ar comprimido em cavernas subterrâneas, à influência da lua e do sol e da existência de um fogo central; da explicação do terramoto à época através de teorias que misturavam a filosofia natural com a teologia e a centralidade-causa do pecado humano; da explicação filosófica com pensadores como Emmanuel Kant a propôr explicações físicas baseadas em causas como combustão e cavidades no subsolo, sendo que não havia ainda o conhecimento-compreensão moderno-contemporâneo das placas tectónicas, pelo que as explicações da época se baseavam em visões-palpites que associavam fenómenos naturais e causas sobrenaturais, da associação dos elementos físicos visíveis com o «fumo subterrâneo», sendo que a abordagem-interpretação de Kant do fenómeno do terramoto era-foi inovadora por-ao rejeitar categoricamente a ideia de que o grande sismo lisboeta de 1755 era uma afronta-castigo divino e que, ao contrário, devia e tinha de ser visto e estudado apenas e só em termos totalmente físico-materiais, do âmbito corpóreo; por exemplo Rousseau argumentou que, embora o evento fosse natural, o seu impacto foi amplificado pelas escolhas-factor humano da densidade populacional e da fragilidade das construções; a nível religioso, o sobrenatural-transcendental, o metafísico surgiu naturalmente como explicação do fenómeno físico, consequência do «pecado humano» e o respectivo «castigo divino» de uma sociedade dissoluta e pecaminosa, desviada de Deus, com particular destaque e evidência-referência em Portugal, França e Inglaterra.

Donde, da falta de uma explicação cabal, científica e moderna, ter levado a um estado de espírito de grande confusão e ao desenvolvimento de várias teorias, tendo o evento do Grande Terramoto de Lisboa de 1755 provocado o impulso e evolução da ciência sismológica, do estudo e pensamento científico, preparando

o caminho futuro para a teoria das placas tectónicas que explica que a crosta terrestre é composta por grandes blocos rochosos que se movem lentamente sobre o manto, e que os terramotos são causados pela tensão acumulada quando estas placas interagem, colidindo e libertando energia que se propaga em ondas sísmicas que têm como resultado final os tremores de terra. A Teoria das Marés – elemento-factor novo que trazemos para a discussão e que terá exponenciado a virga-férrea e letalidade do «Grande Terramoto» – não foi invocada na época porque era desconhecida, mas de facto existe uma relação entre os terramotos e as marés que pode desencadear, influenciar e exponenciar a magnitude de grandes terramotos, especialmente se acontecer-ocorrer durante as fases de maré alta-máxima (Lua Nova e Lua Cheia e tensão de alinhamento entre a Lua, o Sol e a Terra), de maior pressão gravitacional das marés. Acontece que a madrugada do dia 1 de Novembro de 1755 correspondeu a uma fase da Lua de «Lua Nova». O Grande Terramoto de Lisboa de 1755 ocorreu com a Lua Nova, com a Lua alinhada entre a Terra e o Sol, numa conjugação-*puzzle* factorial que sobre-dimensionou a catástrofe cataclísmica provocada pelo Terramoto lisbonense setecentista.

Continuando a visão-imagem coevo-contemporânea em flic flac intelectual-dialéctico sísmico do inferno na terra, com a interpretação religiosa de um Deus misericordioso mas justiceiro, vingador e castigador-punidor dos males-pecados cometidos-sofridos, visiva alimentada e propalada pelos vivos-sobreviventes do Grande Tremor de Terra e viajantes internacionais, com as pessoas vulneráveis e apavoradas, as mentes dormientes, de imberbe apatia modorrenta, inércia e torpor de choque, de mais-valia religiosa e acriticismo racional pensante, a organizarem procissões de desagravo dos «pecados mortais» que a Igreja Católica excitada pregava, exaltava e sublimava – sucediam-se os sermões e exorcizavam-se as pessoas e os pecados – que faziam desfalecer a moral do povo, aterrorizado pela «justiça sanguinária» vinda do Alto; e até a perseguição de Pombal aos jesuítas foi invocada pelo Padre (Pe.) Gabriel Malagrida como causa e razão da catástrofe «que não teria nada de natural, mas tratando-se de uma intervenção-castigo directo de Deus» – o pecado, a heresia e a ira divina – da cólera de Deus que fulmina a humana gente lusa-lisboeta habitante e estrangeira; um caldo de fanatismo religioso insano acusatório da desgraça humana vivida, reinante na obediência popular e na ausência de criticismo do povo, preso no dogmatismo religioso (assente em pressupostos e conjecturas) e despido de cepticismo, impossibilitando a interrogação da razão e da análise crítica, com a Igreja a anular o caminho do empirismo para o racionalismo da observação da realidade e das ideias.

Filosoficamente, foi debatida a questão da aceitação de Deus, e do Homem que não controla a Natureza.

Na literatura, o Grande Terramoto de Lisboa foi utilizado como cenário de romances de aventuras dramáticas – fonte inspiracional – da dor, do drama humano, do sofrimento, emoção, comoção e infortúnio.

Nota de registo-estimativa é o facto-menção de ter havido 77 mortes entre os súbditos britânicos, de longe a maior comunidade de estrangeiros a viver em Lisboa à época. O auxílio financeiro britânico foi o único que Portugal aceitou, no âmbito da aliança multi-secular entre Lisboa e Londres, com representação diplomática permanente, e tendo Portugal rejeitado o apoio de Espanha e França (do antagonismo, malquerença e inimicícia, do latim, *inimicitia*, da inimizade histórica).

T. D. Kendrick, apresentou em «The Lisbon Earthquake» (Londres, Methuen, 1956), o mais completo estudo sobre o Grande Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755: «As pessoas ficaram seriamente perturbadas e sentiram que tinham recebido uma solene mensagem sobrenatural [com apelos cruciantes da Igreja Católica exortando ao arrependimento dos comportamentos pecaminosos e vidas desregradas, libertinas e devassas, de imoralidade depravada e ética perversa, e à introspecção, e exortando o Clero ao arrependimento e à leitura da Bíblia, nomeadamente do Novo Testamento e dos Evangelhos]. Talvez esta consternação tenha sido mais generalizada em Inglaterra do que no continente [europeu]. Disputas de tratados e diferenças religiosas não diminuam o afecto básico de Inglaterra por Lisboa e pelos portugueses; muitos ingleses conheciam bem Portugal e tinham lá vivido felizes, ou tinham amigos nessas condições; a nação [Portugal, o povo português] não tinha laços tão estreitos com qualquer outro país [reino] estrangeiro». (*op. cit.*, p.146)

De acordo com a *interpretatio religionis temporis*, o Grande Terramoto foi visto em Portugal e no estrangeiro como um castigo de Deus, com acusações directas da Igreja Reformada – da Igreja Protestante – acerca da ira-fúria de Deus que se abatia-abateu sobre o povo português-lisboeta que tinha na sua prática religiosa dois pecados capitais, a saber: a Inquisição com os autos-de-fé, e as imagens religiosas, os «Santos» das igrejas comparáveis aos ídolos que Moisés destruíra, conforme relatado-relato do Antigo Testamento bíblico.

Já curiosamente e ao contrário, os portugueses sobreviventes vítimas do Grande Terramoto, de fé católica professada, viam-viram nas imagens e relíquias de culto veneradas, o sinal-vida e a prova da divindade-milagre. Com os ingleses, no contraditório, a realçarem o facto da sua igreja-templo de Lisboa ter ficado de pé, na qual não existiam imagens nem pinturas, em alusão-crítica à religiosidade da Contra-Reforma Católica, com os seus dogmas, liturgia, rituais, crenças e veneração-adoração dos «Santos», intercessão-mediação da Virgem Maria, e dos sacramentos ; do Protestantismo, apenas e só a Cruz e o simbolismo da Cruz de Cristo – as antípodas da interpretação religiosa humano-divina do Grande Terramoto, e o Povo no meio, e da fé-explicação (Catolicismo *versus*

Protestantismo) a confusão-ignorância popular – e do impressionamento inglês do Grande Terramoto português, tendo sido decretado por proclamação real (rei Jorge II da Grã-Bretanha, que à data incluía a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales) um dia de jejum e penitência nas Ilhas Britânicas, em 6 de Fevereiro de 1756.

Compendiando o «Eco», o Grande Terramoto de Lisboa de 1755 teve grande repercussão internacional, seguindo-se após a destruição da cidade a vinda de estrangeiros a observar e a relatar a destruição da capital de Portugal, a quarta capital europeia mais importante da época, logo a seguir a Londres (Inglaterra), Paris (França) e Nápoles (Itália). Compilando filosoficamente, o impacto foi tal que influenciou o pensamento de intelectuais como Voltaire e Kant (atrás referencio-mencionado) – ao provocar um debate de ideias e argumentos de forma crítica e estruturada sobre o «Mal» e a «Providência Divina» e por questionamento da visão teológica predominante do mundo, e ao propôr explicações mais racionais e aclarações-explanações mais humano-explicativas dos eventos-desastres naturais; da explicação física, mais racional e científica (racionalismo), por oposição, antípode e oposto-inverso do e ao pensamento sobrenatural-metafísico e do castigo divino dos homens pecadores – donde, a crítica ao teologismo dogmático e tendencioso (faccioso e de facção), precedente da filosofia iluminista, e consequente-paulatino abandono da causalidade divina e a afirmação crescente da razão e da ciência – ao afirmar o experimentalismo e a valorização da razão humana e do método científico – movimento que enfatizou a importância da observação da Natureza, em detrimento da Fé e das explicações religiosas para os «males do mundo».

Quanto às repercussões-ressonância e ecos da destruição material massiva de Lisboa foram avassaladoras: Convento do Carmo, um dos grandes símbolos da destruição causada em Lisboa pelo Grande Terramoto de 1755; mais 45 conventos, num total de 46 conventos destruídos. Sendo de destacar as perdas da Igreja com o desaparecimento de várias igrejas e conventos: Convento de São Domingos; Convento de São Francisco; Convento do Espírito Santo; Convento da Trindade. Onde, resumindo, das 45 igrejas paroquiais desmoronaram-se 35, e dos 65 conventos 54 vieram abaixo, ficando de pé apenas 11 conventos, mas com sérios danos estruturais. De registar ainda o facto de, com as igrejas desaparecidas, também desapareceu o espólio das sacristias, das quais constavam autênticos tesouros: relicários (objecto para guardar relíquias de um santo, da Santa Cruz, etc.), crucifixos, cálices, coroas, cruzes, lâmpadas-lamparinas e imagens de ouro e prata, ricamente decoradas-adornadas com pedras preciosas e pérolas; a Biblioteca Real foi destruída com mais de 70 mil volumes e documentos; o Teatro Real da Ópera do Tejo, inaugurado a 31 de Março de 1755 e destruído no mesmo ano, a 1 de Novembro de 1755; 55 palácios destruídos; mais de 20 mil edifícios foram reduzidos a ruínas (destroços, entulho e cinza) em toda a cidade de Lisboa; todos os

hospitais/locais para o tratamento de doentes de Lisboa, num total de 6, foram afectados e sofreram destruição severa, incluindo o maior e mais importante, o Hospital Real de Todos-os-Santos, localizado no Rossio: «Os seis hospitais da cidade arderam, tornando ainda mais difícil o socorro às vítimas». (<https://lisbonquake.com>, Quake Museum); o Hospital da Santa Casa da Misericórdia (assistência social, à pobreza e tratamento-cuidado dos enfermos; Hospital de São Lázaro, dedicado ao tratamento de leprosos, que existia desde o século XIII; Hospital de Nossa Senhora da Luz, fundado em 1610, pertencia à Ordem de Cristo; Hospital do Desterro, fundado no início do século XVII, pertencia à Ordem de São Bernardo; Hospital dos Clérigos Pobres, um hospital menor que atendia sobretudo membros do clero, e que tinha por trás a Irmandade da Misericórdia de Lisboa, que em 1646 ofereceu uma casa própria na Igreja do Hospital à Irmandade dos Clérigos Pobres.

Após o Terramoto, foi criado em Lisboa o Hospital de São José, em 1775, por decreto do rei D. José I, para substituir o Hospital Real de Todos-os-Santos, destruído em 1755. Da destruição do velho hospital resultou a necessidade do novo hospital, transferido e que passou a funcionar no Colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo.

As perdas foram colossais – continuando – o Grande Terramoto de Lisboa de 1755 provocou a perda de inúmeros edifícios políticos e administrativos da Coroa-Estado, onde estavam guardados milhões de documentos, com o registo de toda a História do Império Colonial, com cartórios, arquivos inteiros com os registos das mercadorias, das tripulações, das frotas, de mapas raros e instrumentos náuticos da História dos Descobrimentos – o pulsar temporal das Descobertas marítimas de Portugal – sendo que foram ainda destruídas: a Alfândega; a Casa da Índia; o Terreiro do Trigo; os Armazéns da Ribeira das Naus; as Secretarias de Estado da Guerra, da Marinha e do Ultramar; parte dos Arquivos e Edifício do Desembargo do Paço (o mais importante tribunal do reino de Portugal à data, 1755) e também o Palácio onde estava alojada a Inquisição. Foram ainda seriamente danificadas as principais cadeias da cidade, o Aljube e o Tronco. Das residências-palácios reais perderam-se: o Paço da Ribeira; o Paço da Quinta de Alcântara; o Paço da Alcáçova; o Palácio Corte-Real, e o Palácio da Bemposta. Também das 33 residências das principais famílias da corte não escaparam à avalanche de «destruição terramótica» setecentista lisboeta: falamos das Casas dos Condes de Redondo, do Marquês de Gouveia, do Duque de Cadaval, do Conde de Castelo Melhor, do Duque de Lafões, dos Marqueses de Távora, com perdas irreparáveis de edifícios, recheio (pinturas, tapeçarias, mobiliário raro, baixelas, bibliotecas-livros, jardins, etc.).

Só para ter uma ideia do impacto económico negativo da tragédia do Grande Terramoto de Lisboa de 1755, de acordo com a historiografia e a análise histórica dos historiadores, considerando o PIB do reino de Portugal à época em cerca de 200 000 contos anuais, os cálculos apontam para um prejuízo provocado pelo

Terramoto, de acordo com testemunho coetâneo, na ordem dos 365 440 contos de perdas, apontando para quase o dobro do Produto Interno Bruto anual (sendo que os números variam).

Certo é que as perdas-prejuízos materiais-económicos foram colossais. Dando exemplos: outras fontes históricas falam de 229 520 contos de danos, a apontar para um valor-prejuízo quase equivalente ao PIB do ano de 1755. Mais, verificados os manuscritos da época (coevos), encontramos uma perda de 18 000 contos só em diamantes. Nas perdas por edifícios destruídos: Palácio Real, Patriarcal, Teatro Real e Alfândegas, 4 000 contos; dinheiro em metal precioso, ouro e prata, 4 000 contos; dinheiro em bens móveis: jóias, ouro e prata em objectos, recheios de palácios, peças de arte (pinturas, esculturas, louças, serviços, etc.), tapeçarias, mobílias, bibliotecas, recheios das igrejas e conventos, leitura-cálculo na ordem dos 210 000 contos. Onde, todos estes números serem indicadores dos estragos-perdas-prejuízos altíssimos, em valores da época, causados pelo Grande Terramoto de Lisboa de 1755. Seja como for, mesmo as estimativas por baixo e mais conservadoras, dão como ponto assente valores-prejuízo entre 32% e 48% do PIB de Portugal provocado pela «terra treme» de 1755, em Lisboa. Significativo!

Na actualidade do 3º milénio, século XXI, ano da graça de 2025 d.C., exactamente 270 anos depois do Grande Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755, não é possível afirmar com exactidão um valor actualizado para os enormíssimos «prejuízos terramóticos», mesmo numa análise mais austera, sendo sempre a soma-adição por estimativa na ordem de «números golianos». No entanto, segundo projecções-cenários variáveis traçados pela IA (Inteligência Artificial, com base em algoritmos e análise de dados matemático-estatísticos), os cálculos indicam que o impacto económico seria equivalente a um ano inteiro do Produto Interno Bruto português (PIB, com previsão para o corrente ano de 2025 acima dos 300 mil milhões de €uros, segundo dados do «Trading Economics»; Economia do Comércio) de Portugal, se o Grande Terramoto ocorresse hoje. Outras simulações comparam os custos a aproximadamente dez pontes Vasco da Gama (que custou 897 milhões de euros, em 1998), ou ao Plano de Recuperação e Resiliência (PRR, com um orçamento de 16,6 mil milhões de €uros), indicando que os danos-prejuízos poderiam orçar sempre em muitos milhares de milhões de €uros – custos concentrados significativamente na Área Metropolitana de Lisboa – AML, que inclui a Grande Lisboa e a Península de Setúbal. A AML foi criada formalmente em 1991; é a maior área de concentração populacional do país com 2.871.133 habitantes nos censos de 2021, e hoje seguramente com mais de três milhões de habitantes (da invasão migratória imigrante descontrolada), e de concentração económica, contribuindo com a maior fracção do PIB. Inclui dezoito concelhos-municípios: Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira.

Encerramos o nosso texto dissertativo voltando ao princípio dos elementos-factos históricos do Grande Terramoto de Lisboa de 1755, para memória futura, precisamente, repetimos, quando no dia 1 de Novembro de 2025 se passaram 270 anos sobre a catástrofe, sismologicamente «condenada a repetir-se» e «futurando» num futuro que inexoravelmente vem vindo em aproximação do desastre anunciado de um novo e devastador terramoto em Lisboa – fica o registo-lamento lancinante e doloroso – da aflição-sofrimento vindouro que adiamos *sine die*.

Dos dados do Grande Terramoto de Lisboa de 1755: Epicentro, no mar, oceano Atlântico, região do Banco de Gorringe, um monte submarino entre o Algarve e a Madeira, com a distância ao epicentro a ficar a cerca de 200 a 300 km do território continental português, a sul-sudoeste do Cabo de São Vicente, e a aproximadamente 290 km de Lisboa; a causa, uma falha geológica, zona da Ferradura (provável), com fissura entre as placas tectónicas africana e euro-asiática (com alegados 100 km de comprimento e 50 km de largura, no fundo do Atlântico); magnitude de 8,7 a 9,5 da escala de Richter, de intensidade máxima, destruidor, catastrófico; data, 1 de Novembro de 1755, um sábado, há precisamente 270 anos atrás, dia de feriado religioso do Dia de Todos-os-Santos; hora mais provável de ocorrência do Grande Terramoto, 9h40, com duração de vários minutos, com a terra a tremer em três momentos-ondas distintas (triplo abalo sísmico, com o segundo abalo a ser considerado muito e o mais violento de todos, que rapidamente desmoronou a maioria das casas e edifícios, sendo o primeiro abalo menos intenso mas determinante na fragilização da infraestrutura da cidade, e o terceiro um abalo menor que ocorreu após um período de tremores, tendo sido descrito como o que «levou a cidade à loucura»); descrito por testemunhas por «um som inicial de trovão» vindo das profundezas da terra, seguido por extremas e violentas, violentíssimas vibrações; após o abalo inicial seguiu-se um devastador maremoto e tsunami com ondas da altura de dezenas de metros (segundo testemunhos, entre 20 a 30 metros); seguido de um mega-incêndio constituído por múltiplos incêndios em simultâneo por toda a cidade que durou vários dias e cujas ruas, vielas estreitas (quelhos) e becos da «velha Lisboa» ajudavam a propagar o «incendiário fogo» que, de acordo com as testemunhas, durou-ardeu aproximadamente uma semana e que consumiu o que restava da cidade, transformando Lisboa numa infernação incandescente e caos traumático; a duração total do «evento terramótico», do Grande Terramoto de Lisboa é estimada entre 8 e 15 minutos, com o sismo principal, o segundo, a durar cerca de 2 minutos; consequências, sismo considerado-visto como invulgar, e que produziu danos extremos a centenas de quilómetros de distância do epicentro, sendo que a Grande Lisboa actualmente é e continua sendo uma zona de alerta-risco de repetição de abalo sismológico-terramoto reeditado:

«Enquanto o actual mapa [sismológico] oficial atribui o nível mais alto de risco ao Sul de Portugal, diminuindo gradualmente para norte, a interpretação

apresentada agora concentra o risco na área da Grande Lisboa». (Diário de Notícias, João Duarte Fonseca, 7 de Janeiro de 2020).

Relembrando, Terramoto, seguido de maremoto, seguido de tsunami, com estimativas-testemunhos coetâneos de ondas entre os 20 e os 30 metros de altura (com deslocação de grandes massas de água); seguido de incêndios devastadores. Vítimas: numa Lisboa de 200 000 habitantes (com relato exagerado que fala em «350 000 habitantes»), com números díspares entre 12 000 a 90 000 mortos (seguramente um grande morticínio na ordem das dezenas de milhares de mortes) – Grande Terramoto-maremoto-tsunami-grande incêndio multiplicado por vários fogos ardentes – que com todos os factores combinados, destruíram muito significativamente Lisboa: as estimativas sugerem entre 17 000 e 20 000 ou mais edifícios destruídos, alegadamente 80% a 85% do casario, 4/5 das casas-edifícios. A hora do acontecimento do Grande Terramoto de Lisboa do dia 1 de Novembro de 1755, de acordo com os relatos da época, varia entre as 9h30m, 9h40m, 9h45m, e as 9h50m; donde, podermos afirmar com alta probabilidade que o Grande Terramoto de Lisboa ocorreu nos vinte minutos fatídicos que distam entre as 9h30m e as 9h50m da manhã do dia 1 de Novembro de 1755, uma manhã solarenga e amena em Lisboa, «fazia um tempo sereno e o céu não tinha uma nuvem», repentinamente ensombrada pelo chão e casas a tremer e com o barulho-som como de «carruagens [nos paralelos] conduzidas com violência a alguma distância» (*opus citatum*, p. 39) e pela mortandade que se seguiu. A hora mais comumente referida-aceite da ocorrência do Grande Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755 é 9h40m.

Lembramos da importância económica de Lisboa que era, na época, o centro de comércio europeu e mundial de ouro, antes do Grande Terramoto de 1755 – a capital portuguesa era um centro nevrálgico do comércio de ouro, especiarias, diamantes, sedas e jóias do hexa Império Colonial de Portugal – atraindo comerciantes da Europa e do Mundo. A ostentação, opulência e extravagância-esplendor estava bem patente em palácios, igrejas e conventos. Do impacto da «tragédia terramótica» resultou o fim da era do ouro.

A reconstrução de Lisboa foi lenta, marcada pelo «pombalismo-estilo pombalino», ficando terminada a Baixa Pombalina em 1758, e cuja completa restauração da capital veio até ao século XIX, e mesmo séc. XX, com a renovação de fachadas dos edifícios, redes de esgotos e infra-estrutura citadina de prolongamento-adaptação secular tardia.

A cidade de Lisboa tem hoje o Museu Quake, um centro de interpretação-simulação do Grande Terramoto que recria a experiência. Uma experiência imersiva (de mergulho experiencial literal) que utiliza cenários e efeitos visuais e sonoros, que não sendo em 3D, faz uma abordagem muito realista, transportando as pessoas para a época e permitido aos visitantes vivenciar a catástrofe de forma interactiva e educativa, uma experiência física sensorial, de

estímulo dos sentidos e de sensações dos eventos do *horribilis* e fatídico-mortal dia 1 de Novembro de 1755, e do impacto do terrível Terramoto.

Rematamos com uma imagem-vivência do «Grande Terramoto», pelo historiador João Lúcio de Azevedo (1855 – 1933) que a respeito do «Grande Terramoto» narrou o seguinte: «Nos altares oscilam as imagens; as paredes bailam; dessoldam-se traves e colunas; ruem as paredes com o som calvo da calça que esboroa, e de corpos humanos esmagados; no chão onde os mortos repousam aluem [desmoronam] os covais (abrem-se covas-valas), para tragar os vivos [...]. O horror todo do inferno em ais e tormentos [da impotência humana, o sofrimento atroz da dor horrenda e do horrendo horripilante]. Fuga desordenada com atropelos fatais [do pânico generalizado], e o tropeçar contínuo em pedras e cadáveres [...]. Por toda a parte ruínas [cenário apocalíptico]». (<https://brasilescola.uol.com.br>, AZEVEDO, João Lúcio de, O Marquês de Pombal e sua época, «Annuario» do Brasil [termo italiano, que significa anuário em português, publicação anual que contém informação organizada, dados e relatórios temáticos], Seara Nova, Renascença Portuguesa, Rio de Janeiro, Lisboa, Porto, 1922, p. 142)

Dos testemunhos coetâneos tirados (recolhidos), bem ilustrativos da dimensão superiormente catastrófica do «Grande Terramoto e do Grande Incêndio» de Lisboa de 1 de Novembro de 1755, ficam a análise e o comentário dissertantes.

Por derradeiro e último final, dando continuidade às vivências do Grande Terramoto (supra), deixamos aqui «registos-testemunhos» do – *terrae motus factum* olisippo-olissipona-lisbona-Lisboa – real acontecendo, no tempo determinado de 1755. Ficam aqui extraídos e comentadas peças da factualidade contemporânea das vítimas e da notícia histórica que ficou em manuscritos-cartas anónimas e publicações impressas. Dos excertos extraídos, começamos – *continuate continuans scriptum deinceps* – com o fragmento-extracto impressionante do testemunho emocional-emotivo anónimo de: «Um Relato dos horríveis Terramoto e Incêndio que destruíram recentemente a cidade de Lisboa, Metrópole de Portugal. Numa carta de um mercador ali residente ao seu amigo em Inglaterra», de minúcia dos pormenores e particularidade nos detalhes, vivida na primeira pessoa-vítima do «Grande Terramoto de Lisboa» do dia 1 de Novembro de 1755, Dia de Todos-os-Santos. Partilhamos com o público-leitor as palavras do momento e da História, com 270 anos de história, impresso-publicado por J. Payne, Londres, 1755. Citando:

– Testemunho comentado –

«[...] E ao observar os quadros no meu quarto a bater contra as paredes, levantei-me e percebi logo que era um terramoto; [...] fiquei um bocado a

observar as suas convulsões [...] até que, por causa do tremer, julguei que o quarto começasse a ondular, [...] o movimento era tão violento que eu me mantinha em pé com dificuldade. Toda a casa rachava à minha volta, as telhas chocalhavam lá no cimo; as paredes despedaçavam-se por todos os lados; as portas de uma estante bastante grande que havia no meu quarto, e que estavam fechadas à chave, abriram-se violentamente e os livros caíram das prateleiras, mas eu já estava no quarto contíguo; e ouvi aterrorizado a queda das casas à volta e os gritos e choros de pessoas vindos de todos os lados. [...] Então, voltando ao meu quarto, [...] estava a enfiar o casaco e o colete [...], quando senti começar o segundo abalo [explicita o segundo tremor de terra do Terramoto]; [...] desci dois lanços e meio de escadas, mas parei de repente ao ouvir cair telhas e grandes pedras do cimo da nossa casa e de outra para um pequeno pátio por onde eu deveria passar. Isto fez-me reflectir que ao fugir de uma casa a cair, corria o risco de ficar sepultado sob as ruínas de muitas outras nas ruas estreitas por onde era obrigado a passar até conseguir chegar a algum local de maior segurança; [...] os degraus sobre os quais eu estava, bem como aqueles que ficavam por cima da minha cabeça, ergueram-se a um nível impressionante e eu esperava morrer esmagado a todo o momento.

Ao juntar agora todos estes pormenores de observação e ocupação, deixo ao vosso julgamento se eles podiam ter ocorrido em menos de um quarto de hora: e, na verdade, ao comparar o meu cálculo com os de alguns outros, vejo a minha opinião confirmada em relação ao tempo que duraram os abalos do terramoto e ao intervalo entre eles. Também tem havido aqui outra disputa acerca da hora exacta a que o primeiro tremor começou. Alguns pensam que foi antes, outros depois das 10 horas; mas a maior parte afirma que a hora ainda não tinha soado. E a confirmar a sua opinião, vi uma carta de Cádis que mencionava que o abalo se fez sentir lá 57 minutos após as 9 horas: e como nessa cidade [espanhola] foi bastante menos considerável, penso poder concluir-se razoavelmente que em Lisboa ocorreu um pouco antes [confirma e da confirmação do Grande Terramoto de Lisboa antes das 10 horas da manhã do dia 1 de Novembro de 1755].

[...] Instaurou-se o pânico geral entre uma multidão de pessoas que fugia da margem do rio [Tejo], todas a gritar que o mar [oceano Atlântico] estava a avançar e certamente iria submergir a cidade [de Lisboa]. Este novo alarme criou tais horrores na mente agitada da população que grande número deles correu aos gritos de novo para a cidade arruinada [já Lisboa ardia, e era consumida em chamas, logo após o primeiro abalo], onde, tendo-se seguido de imediato um novo abalo do terramoto [confirma o terceiro abalo sísmico], muitos ficaram sepultados nos destroços das casas a ruir [não havia para onde nem por onde fugir; apenas e só a angústia da morte e a contemplação da morte].

Contudo, este alarme não foi inteiramente infundado, pois a água do rio [Tejo] elevou-se rapidamente a mais de vinte pés de altura [o pé, «foot», é a unidade de medida de comprimento baseado no comprimento do pé humano, usada em

países de língua inglesa como o Reino Unido, os Estados Unidos e também no Canadá, embora menos; equivalência métrica: 1 pé = 30,48 cm; no caso, 20 pés, fazendo a conversão, basta multiplicar o número de pés (20) pelo valor de conversão de um pé para metros, que é 0,3048; donde, $20 \text{ pés} \times 0,3048 = 6,096$ metros, que arredondado dá 6,1 metros] voltando a baixar ao seu nível natural em menos de um minuto [sendo que a aparente disparidade dos relatos, por dissemelhança dos «20 a 30 metros de altura das ondas-águas» parecendo dissonantes, só atesta da realidade e veracidade-emocionalidade da narrativa vivenciada, que aliás varia dependendo da localização: atingindo seguramente os tais «20 metros» no maremoto-tsunami que se seguiu ao Terramoto, mais de 5 metros de altura em Lisboa e penetrando entre 250 a 700 metros para o interior; já em Sagres, no Algarve, as estimativas apontam para ondas entre 10 a 15 metros de elevação-alto; donde, não haver as aparentes discrepâncias nas observações narradas, tendo a ver com os momentos-ritmos pulsantes da Natureza, que varia em intensidade, locais-localização, e adrenalina humana de contexto, epinefrina de arrebatamento emocional e do choque]. Eu pertencia ao número dos que permaneceram onde estavam, mas o horror e susto da multidão aumentaram tanto, devido a este fenómeno assombroso [das «águas alteadas»], que confesso que eles me pareceram mais chocantes do que as próprias convulsões do terramoto. Pois em vez da comoção [...] das implorações de perdão mútuas por todas as ofensas, [...] agora só se viam ajuntamentos de multidões à volta de padres e frades, ajoelhando-se todos, beijando o solo, batendo no peito, esbofeteando as faces e gritando por absolvição [por perdão], que era concedida em termos gerais a centenas deles [daquelas pessoas-multidões aterroradas e em transe-choque com o medo da morte iminente, da perda da alma e do inferno que já estavam a viver neste mundo – do pavor do «Fim do Mundo e do Juízo Final», do «Encontro com Deus» – e da condenação eterna.

[...] Creio que o avanço da água se deu por volta das 11 horas.

[...] Deveria ter mencionado que, ao sairmos da cidade pela primeira vez, nos apercebemos, pelas nuvens de fumo que vimos levantar-se, de que ela se tinha incendiado: e temos ouvido desde então, de pessoas que se encontravam em elevações [as colinas da cidade de Lisboa; as sete colinas de Lisboa fazem parte da sua história e do mito da capital lusa; da lenda, Lisboa que tal como Roma, nasceu entre sete colinas] quando o terramoto se deu, que os dois grandes abalos [refere-se aos dois primeiros sismos do Terramoto] tinham terminado havia muito poucos minutos, quando elas se aperceberam de que as ruínas se tinham incendiado em seis ou sete locais diferentes [da confirmação do grande fogo que se seguiu de imediato ao Terramoto, alimentado por vários fogos em simultâneo]. O primeiro observado foi no Convento ou Igreja de São Domingos, no Rossio; o segundo, na Boa Hora, próximo do palácio [o Convento da Boa Hora situava-se na extremidade inferior da Rua Nova do Almada, relativamente

perto do Paço da Ribeira]; o resto, noutras partes da cidade. Lavrando com grande fúria e ardendo por cinco ou seis dias seguidos, reduziu a cinzas toda a capital de Portugal [da reconfirmação de Lisboa a arder por toda e da destruição do património].

[...] A perda de vidas nesta terrível e dupla calamidade [do Terramoto e do Incêndio de Lisboa em 1755] foi sem dúvida muito grande. Não há qualquer possibilidade de averiguar números [de mortos], porque houve uma tal pressa em limpar a cidade do maior número possível de cadáveres, que não pôde ser tirada nenhuma relação deles [o sepultamento colectivo como medida sanitária, higiénica, salubre, de saúde pública, decorrente da ordem de Pombal de «enterrar os mortos e cuidar dos vivos», pela preocupação-receio bem patente de evitar doenças e uma possível peste, visível com a pressa em enterrar os mortos tão depressa; da urgência de evitar a infecciosidade humana sobrevivente]. De forma geral, tenho ouvido a quantidade dos mortos pelo terramoto estimar em cerca de 30 milhares; e ouvi o cálculo ser levado por outros muito mais acima. O desastre, é certo [da reconfirmação da grande mortandade provocada pelo Grande Terramoto e pelo Grande Incêndio de Lisboa de 1755, seguramente na ordem das dezenas de milhares de mortes], aconteceu num dos dias mais infelizes de todo o ano em relação a circunstâncias de mortandade e fogo, pois, sendo Dia de Todos-os-Santos [dia de feriado religioso], os altares de todas as igrejas, capelas, conventos e casas particulares estavam iluminados. De igual forma, a hora do dia [hora provável do Terramoto, por volta das 9h40] foi outro pormenor muito infeliz, sendo aquela em que a maior parte das pessoas ia para as suas devoções [as pessoas estavam na missa], que o dia [de Todos-os-Santos] tornava necessário prestar em todos os altares. Assim, as igrejas estavam repletas de um número extraordinário de pessoas [fala da religiosidade cristã-católica portuguesa], que continuaram dentro delas por um tempo inusitado [do latim, *inusitatus*, não habitual, incomum, no e com o sentido de as pessoas terem estado-passado dentro das igrejas mais tempo que o habitual e frequente, por ser o Dia de Todos-os-Santos]; e, tendo ocorrido na hora do dia mais conveniente para a generalidade das pessoas assistir ao serviço divino [à missa], provocou uma mortandade terrível, pois rara era a igreja ou capela na cidade [de Lisboa] cujo telhado não tivesse caído com o terramoto, e nessa altura não havia quase nenhuma que não estivesse bastante cheia. Se acrescentarmos a estes números [de mortes] aqueles que pereceram [morreram] dentro de portas e fora delas devido à queda das casas, aqueles que mais tarde morreram queimados [nos incêndios e] por estarem feridos e soterrados sob ruínas e aqueles que morreram a seguir de feridas e doenças [de infecções] provocadas por esta terrível calamidade, a perda de vidas deve ser imensa. Mas, pela natureza das coisas, é algo de que nunca se poderá alcançar um conhecimento verdadeiro. Quanto aos incêndios, já mencionei que os dois primeiros foram em igrejas ou conventos, e provavelmente a maioria dos outros teve o seu início em locais semelhantes, em virtude do grande número de velas acesas nesse dia

[Dia de Todos-os-Santos]. Mas, contudo, devo informar-vos de que alguns malfeitores, desde então executados [pena de morte] por pilharem as ruínas [da desordem pública e criminalidade-banditismo de ocasião que faz o ladrão, e da autoridade de Estado a actuar célere; foi publicado um decreto que ordenava que os ladrões fossem julgados verbalmente e que as sentenças fossem cumpridas no mesmo dia em que fossem pronunciadas; Pombal actuante, diligente e expedito, implacável], confessaram ter deitado fogo a alguns locais da cidade de forma que facilitasse o seu plano de pilhagem [roubo]; no entanto, não há razão para duvidar de que os primeiros incêndios tenham começado sem a ajuda de incendiários e que muitos deles, senão todos, principiaram em igrejas.

Dos numerosos protestantes de muitas nações [do exagero «numerosos» e «muitas nações», sendo que os protestantes que viviam e viveram o terrífico Terramoto de Lisboa de 1755, eram sobretudo dos países-reinos que tinham fortes laços comerciais com Portugal, como os Países Baixos e a Inglaterra; a comunidade protestante em Lisboa era algo diversificada e incluía alguns indivíduos da Alemanha e de outras paragens, mas não uma «*turba hominum et gentium*» – Lisboa era no século XVIII a capital do Império Português, uma metrópole rica, e um centro cosmopolita de comércio e cultura, de atracção internacional de pessoas, que cá, lá viviam, ou que estavam de passagem-visita – presentes por motivos de relações comerciais e diplomáticos; e também alguns refugiados religiosos que fugiam de perseguições, como os de França] que residiam naquela metrópole [capital], é certo que pereceu um número muito insignificante [da menção de que faleceram 77 britânicos], e muitos deles, posso dizê-lo com verdade e propriedade, tiveram salvação quase miraculosas [da religião, do divino e da intervenção-proximidade salvífica de Deus em atender os fiéis-crentes protestantes, e da ideia subjacente de salvaguarda religiosa].

[O excerto do texto que se segue, em/na continuidade, o autor-narrador dá-nos a imagem da interacção religiosa e do debate religioso presente entre Protestantismo e Catolicismo, na sequência da Reforma Protestante que começou com Martinho Lutero em 1517 e da Contra-Reforma Católica, que resultou do Concílio de Trento, 1545-1563, da leitura-interpretação inter-religiosa e da suposta intervenção e crença humanamente invocada: explícita, implícita e do/no subconsciente das palavras na vivência deífica do Grande Terramoto de Lisboa]. Era um dia religioso para a Feitoria Inglesa; o clérigo, que deveria ter oficiado [celebrado] o serviço divino [de Pastor protestante], chegara apenas poucos dias antes de Inglaterra para a recuperação da sua saúde. Como forma de exercício físico, este cavalheiro passeava sobre a plataforma do castelo quando o terramoto começou e tinha, para sorte sua, alargado ao máximo o seu tempo de permanência no local, em virtude da esplêndida manhã [da afirmação de uma manhã solarenga, brilhante, de bom começo]. Mas, tal como a sua situação o salvou [da supositícia premonição, «para sorte sua»] então do perigo de edifícios a ruir ou, pelo menos, do horror de os ver a cair à sua volta, também

o envolveu acidentalmente noutras apreensões, as quais, pela sua natureza singular, me encarrego de vos relatar.

Tendo acabado de chegar, este pobre cavalheiro não podia certamente conhecer nada da língua do País [conforme a grafia do texto]; e sendo a pronúncia portuguesa do latim tão diferente da usada em Inglaterra, os povos de ambas as nações não se podem compreender mutuamente, mesmo a falar aquela língua. Depois dos grandes abalos do terramoto terem terminado, as pessoas que se encontravam naquele local e que para lá tinham fugido começaram a praticar actos de penitência e devoção; pode supôr que um clérigo solitário, cuja função e religião ele tinha razão para concluir serem particularmente detestadas [fala do exercício protestante do Cristianismo da Igreja Anglicana Inglesa, após a ruptura de Henrique VIII com Roma e se declarar com o «Acto de Supremacia» chefe supremo da Igreja da Inglaterra, no séc. XVI, em 1534, diferente e que destoa do exercício católico do Cristianismo em terras de crentes da Igreja Católica Apostólica Romana, de subordinação a Roma e ao Papado], e que não podia fazer-se compreender ou compreender os outros, se imagine numa situação perigosa. E quer ele mostrasse alguns sinais de preocupação que pudessem chamar a atenção sobre ele, quer alguém os informasse quem ou o que ele era [era um Pastor protestante, que corresponde ao Padre católico], quer a multidão naquele local tivesse um fervor singular ou, em resumo, não podendo afirmar a partir de que aviso, a multidão juntou-se-lhe à volta julgando ele [o Pastor protestante inglês] que para pôr termo à sua vida [do antagonismo conflitual religioso e da respectiva culpa-catar-se; da purgação-purificação]; mas estava muito enganado, visto que era de boa vontade para salvar a sua alma, pois os padres que estavam com ele baptizaram-no convenientemente [da salvação do baptismo], sem que soubessem o que lhe faziam, até chegarem ao uso da água na cerimónia, e então era inútil resistir. Depois de terem executado o seu trabalho, os pobres fanáticos [católicos] desencaminhados [*fides errata*] manifestaram tão maravilhosa consideração e afecto pelo seu imaginado prosélito [da pseudo conversão do Pastor protestante à religião católica], que até os padres se ajoelharam diante dele e, mais, abraçaram-lhe os joelhos e quase lhe beijaram os pés. Mas, no entanto, para ser justo com as pessoas do País, devo declarar que este foi o único acto de violência perpetrado contra estrangeiros de qualquer credo [religião], e tendo sido por engano e não acompanhado de quaisquer consequências funestas [de desonra], devia ser antes considerado como acto de afeição terna, pois o que movia aquelas pobres criaturas ignorantes (incluo padres e tudo) outra coisa não era senão um desejo de salvar, através de um acto de coerção [do baptismo de imposição, forçado, de coacção e constrangimento] amável, uma alma que eles pensavam que de outra forma poderia estar irremediavelmente perdida. E como prova de que os padres não foram mais sensatos do que os seus seguidores laicos [seculares, que não pertencem ao clero] neste acto de piedade infrutífero, devo informar-vos de que o nosso baptismo é admitido como válido pelos próprios cânones

[preceitos, regras e normas] da Igreja de Roma, como o núncio [mensageiro, enviado] papal declarou nesta mesma ocasião, e também que, se ele conseguisse descobrir quem foram os membros do clero que participaram na administração extemporânea [inoportuna] e desnecessária daquele sacramento [do batismo do Pastor protestante], faria com que fossem devidamente punidos [castigados]. Termino o meu relato desta aventura informando-vos de que a palavra ministro na língua [português] deste país [Portugal], tal como na nossa [o inglês, na Inglaterra], é usada em sentido duplo [quer em contexto religioso quer em contexto laico, civil, leigo]; quando o caso que acabei de relatar começou a ser bastante falado, a abadessa de um convento escreveu uma carta de felicitações ao enviado britânico [o clérigo-Pastor protestante] pela sua conversão e pedia, como testemunho [testificação, prova] do seu verdadeiro catolicismo, uma esmola adequada para a irmandade a seu cuidado; pelo que a santa madre deparou com uma reprimenda [censura, exprobração] e perdeu, pelo pedido de piedade [de devoção e religiosidade católica], a contribuição que, de outra forma, o sentido de humanidade poderia ter concedido [da rivalidade e antagonismo religioso bem patente ao longo do relato, sintomático e revelador, até na mais aguda dor].

Mas para voltar ao meu relato desta terrível calamidade, tenho que [de] referir agora que aqueles que puderam observar os movimentos da Terra durante os abalos dizem que as suas ondulações eram de leste [de oriente] para oeste [ocidente], que é o curso do rio Tejo de Lisboa para o oceano [Atlântico]. Durante os dois abalos violentos [confirma da intensidade-energia e vigor] do terramoto, o cais [de pedra, feito em pedra mármore maciça] principal da cidade, que era novo e construído em mármore bruto de um modo extremamente sólido, pois as pedras estavam não só seguras umas às outras com ferros, mas também unidas por juntas [da robustez e solidez do Cais de Pedra principal da Lisboa ribeirinha e imperial setecentista], de forma que constituíssem quase um bloco único, afundou-se todo em conjunto (embora a maré vazasse [esvaziasse] antes muitas jardas [refere-se a uma unidade de comprimento, equivalente a 0,9144 m, inicialmente definida como a distância entre o nariz de um rei e o seu polegar esticado; de uso imperial, nomeadamente britânico, e nos Estados Unidos, concretamente no futebol americano] abaixo da sua base) bem debaixo de água, e tão fundo que nenhuma vara conseguiu alcançar da sua parte superior. Desde então, contaram (mas com que verdade não sei dizer) que, tendo sido experimentado com um fio, se descobriu ter-se afundado 50 braças [alegadamente, o robustecido Cais de Pedra ter-se-ia afundado, todo ele, aproximadamente 110 metros (50 braças x 2,20 metros = 110 metros), pois uma braça, unidade antiga de medida, equivale a 2,20 metros; a braça ainda é usada em medidas de terras] abaixo da superfície da água.

Fazemos aqui um parágrafo-parênteses para, em citação continuada-complementar, darmos nota de que: «[...] A sua força [das ondas sísmicas] era

tal que afectaram grandemente os edifícios da Alfândega e completaram a destruição do belo Cais de Pedra, em mármore, defronte da Alfândega, um magnífico cais novo construído por João V, as pedras do qual já tinham sido soltas e parcialmente removidas pelo terramoto». Thomas Kendrick, *The Lisbon Earthquake*, Londres, 1956, p. 33, descreve a destruição do Cais de Pedra, acrescentando em nota de rodapé que o episódio de o cais ter sido engolido instantaneamente [*in illo tempore in momentum*, que significa, naquele momento em um momento] não é verdadeiro, tal como Joaquim José Moreira de Mendonça, testemunha do terramoto, já havia afirmado no seu importante trabalho, *História Universal dos Terremotos* [...] Lisboa, 1758, p. 134». (*The Lisbon Earthquake of 1755, British Accounts, in Notas, Nota 14, p. 255*)

[...] No seguimento e retomando o testemunho inglês coetâneo que temos vindo seguindo [do tempo verbal no gerúndio, que expressa uma acção em andamento ou contínua, acontecendo-retomando: «Assim, é provável que todo o leito do rio esteja alterado [fundo do rio, parte inferior do rio por onde a água flui, variando de largura e profundidade], pois durante os primeiros abalos e uma hora antes do avanço da água, da maneira tão extraordinária que eu descrevi, vários barcos passando no rio foram vistos a rodopiar como num remoinho e, então, com as popas [a parte traseira da embarcação, oposta à proa, a frente do barco] levantadas fora da água, mergulharam a pique, sem voltar a subir, pelo menos ao alcance da vista dos observadores. Vários montes de sal nas margens do rio, muitas léguas acima de Lisboa [sendo que a palavra «léguas» pode ser e estar a ser usada para se referir a uma distância considerável e desconhecida; no entanto, uma légua é uma unidade de medida de distância antiga cujo valor variava, que era usada antes do sistema métrico; em Portugal, o valor-medida de uma légua era aproximadamente 5,572 metros, enquanto que no Brasil chegava a cerca de 6,600 metros], afundaram-se no chão quase a toda a altura e assim ficaram. A terra abriu-se em bastantes locais do reino, como em Alcântara, uma légua a oeste da cidade; em Sacavém, duas léguas a nordeste; em São Martinho, quinze léguas para noroeste; em Azeitão, três léguas para o sul; e em Setúbal, quatro léguas para sudoeste, sem mencionar locais a maior distância. [Além das supraditas no texto: «Alcântara, Sacavém, São Martinho, Azeitão e Setúbal, outras localidades mais distantes de Lisboa sofreram muito [o impacto do Grande Terramoto], como Coimbra, Santarém e a costa do Algarve, sobretudo Faro». (*op. cit.*, *Notas, Nota 15, p. 255*). Algumas destas fendas [rachaduras, fendas largas e profundas] ainda permanecem abertas, outras voltaram a fechar-se, de algumas brotou água, de outras veio um vapor sulfuroso e de outras proveio apenas vento.

Em relação à extensão deste terramoto e suas consequências, de momento apenas podemos dizer que foi imensamente grande. Sentiu-o todo o Portugal e a maior parte, se não todo o reino de Espanha [sul]. Chegaram navios que o sentiram [ao Terramoto-maremoto] no mar a 50 léguas a oeste. Diz-se que foi

sentido em Cork, na Irlanda; e disseram-nos que houve um avanço do mar muito considerável e irregular em Mounts-Bay, na Cornualha [sudoeste da Inglaterra]. Estamos impacientes por saber o que se passou em França, Itália, Barbária [Magrebe, no Norte de África, com destaque para Marrocos] e nas Índias Ocidentais [Britânicas, ilhas do Caribe, Antilhas e Bahamas], e estamos, de facto, em grande apreensão pela segurança das últimas. [Da conjectura da «internacionalização» do Grande Terramoto de Lisboa de 1755].

A talhe de foice, pela pertinência, novo parágrafo-parênteses, em nova citação continuada-complementar, com Thomas Kendrick, *op. cit.*, p. 15, dando nota de que: «O terramoto fez-se sentir por toda a Europa e Norte de África, embora com graus diferentes de intensidade. Afectou bastante o Norte de África, causando grande destruição e numerosas vítimas; Espanha não foi tão afectada. Foram sentidos abalos em vários locais de França, Itália e Suíça. Quase por toda a Europa, incluindo a Escandinávia [Europa setentrional, relativo ao lado norte, que inclui a Dinamarca, a Suécia e a Noruega; ampliando, pode abranger a Finlândia e regiões russas mais próximas, a Islândia, as Ilhas Faroé e a Gronelândia], a água dos rios, canais, lagos, lagoas e nascentes foi vista subitamente perturbada ou a subir e baixar de uma forma anormal». (*op. cit.*, Notas, Nota 16, p. 255)

Seria uma tentativa vã procurar descrever as inúmeras misérias e terríveis aflições de todo o tipo ocasionados por esta horrível calamidade, bem como os efeitos chocantes que teve nos espíritos de toda a gente. Foram infinitos os números de pobres pessoas com membros partidos que tiveram de ser abandonadas, mesmo por aqueles que mais as amavam, e deixadas à miserável tortura de ser queimadas vivas. Mulheres grávidas deram à luz em campos amplos e praças, entre os gemidos e gritos de multidões tiritantes [a tremer, trémulas]. Um grande número de pessoas permaneceu na praça grande junto do palácio, uns, dois dias; outros, três dias, enquanto aquele edifício e todas as outras casas à volta eram reduzidas a cinzas. Aliás, os artigos de primeira necessidade tinham-nos eles salvo das suas casas e os que estavam espalhados pelo local incendiaram-se, e muitas pessoas desamparadas morreram queimadas por eles, enquanto outras foram transportadas à pressa de um lado para o outro com os membros partidos, para cujo tratamento não tinham podido obter nenhuma assistência, muitos com várias enfermidades que os afligiam, e todos perturbados por terrores, ou cedendo à angústia do desespero. Nesse local e no meio destas aflições, uma pobre senhora deu à luz gémeos: os que se encontravam à sua volta fizeram o que puderam para a ajudar, até conseguirem encontrar meios de fugir, como me foi dito por um que continuou lá por três dias, mas ignoro o que aconteceu à senhora [do realismo, autenticidade e dramatismo do relato narrativo; da vida que brota num cenário de caos e morte. Tremendo e brutalmente fantástico!]. Muitos continuaram nos campos até agora (como a totalidade da família real, nos jardins de um palácio em Belém),

parcialmente por falta de casas para os abrigar e parcialmente pelo receio de se aventurarem sob os seus telhados, pois há por vezes abalos de terra ainda neste momento, que é o vigésimo dia desde o início desta desastrosa calamidade [o Outono, estrebuchar e ocaso do Grande Terramoto].

Ao passar pelos limites da cidade durante alguns dias depois da sua destruição, foi extremamente tocante receber as felicitações pela minha salvação daqueles que me conheciam e saber da dos outros. Durante os primeiros dias os nacionais [os portugueses] pareciam totalmente envolvidos em actos de devoção e arrependimento: cada rua e campo estava cheio de pessoas em oração ou em procissões. Mas o tempo e um pouco de chuva mudaram alguns dos seus pensamentos para outras obrigações imperiosas, e começa agora a haver de novo uma aparência de actividade e compostura [do lento regresso à «normalidade» possível, com a vida a continuar].

Passei pelas ruínas das partes principais da cidade e são, de facto, terríveis de observar: creio que uma destruição tão completa dificilmente terá atingido algum lugar sobre a Terra desde a destruição de Sodoma e Gomorra [da invocação da Bíblia].

Nesta triste ocasião a Feitoria Britânica [que simboliza a forte união entre Portugal e o Reino Unido e da Aliança Luso-Britânica] aqui agiu com sabedoria e honra dignas do seu país [reino]. Eles [os portugueses] como os de outras nações [estrangeiros] estão quase todos arruinados: contudo, aqueles que tinham alguns armazéns de provisões perto foram imediatamente oferecê-las nas condições mais razoáveis ao rei [Dom José I, rei de Portugal, da dinastia de Bragança, que reinou de 1750 a 1777], que aceitou a oferta com grandes sinais de reconhecimento. Uma tal resolução não só mostrou uma disposição humana neles próprios, mas foi também uma prova de grande prudência; pois entre um povo desalojado e perturbado, não havia segurança para bens daquele género, especialmente se os seus donos tivessem pretendido regatear condições. E assim que a Feitoria pôde ser reunida, eles [os britânicos] resolveram unanimemente apresentar a seguinte petição a Sua Majestade Fidelíssima:

Majestade,

O cônsul-geral e mercadores, súbditos [submissos, subordinados] de Sua Majestade britânica, vêm apresentar aos vossos pés reais as suas condolências sinceras pela recente calamidade [Terramoto] que o Todo-Poderoso [Deus, e do determinismo teológico: a visão de que Deus, onisciente, onipotente e onnipresente determina todos os eventos da História] permitiu que caísse sobre a vossa cidade principal [Lisboa, arrasada e destruída pelo Terramoto e Incêndio] e várias outras dos domínios de Vossa Majestade.

Verdadeiramente sensíveis às disposições generosas de Vossa Majestade e gratos pelos repetidos exemplos que receberam da vossa real protecção, pedem autorização para assegurar a Vossa Majestade a decisão de prosseguir, cheios de animação e determinação, sob a vossa influência auspiciosa [de esperança promissora futura] e justiça soberana [suprema, absoluta e autoritária], um comércio tão particularmente necessário nesta época e sempre tão vantajoso aos reinos da Grã-Bretanha e Portugal [do benefício mútuo da Aliança histórica].

Julgam, de uma maneira especial, ser seu dever exprimir a forte confiança que têm no cuidado principesco de Vossa Majestade em fazer tão sábias regulamentações [estatutos, normas e regras] para a segurança do comércio e restabelecimento do crédito mercantil [comercial, mercatório, relativo ao mercantilismo; sendo que o mercantilismo foi um conjunto de políticas e práticas económicas proteccionistas adoptadas entre os séculos XVI e XVIII pelos estados europeus, com o objectivo de fortalecer o Estado através da acumulação de riqueza e da intervenção-controlo rigoroso da economia pelo Estado, e tendo como principais características: o metalismo, acumulação de metais preciosos, ouro e prata; o proteccionismo, com medidas para proteger o mercado interno; o pacto colonial, de exploração das colónias pela Metrópole; o princípio de uma balança comercial favorável, de superávit, com a maximização-incentivo das exportações e a minimização-desincentivo das importações. Em finais do séc. XVIII, o mercantilismo foi paulatinamente substituído, dando lugar às ideias do liberalismo económico] que os coloquem nas bases mais justas e firmes: tais que possam, pela sua utilidade pública, reflectir a mais brilhante glória sobre o vosso real nome e tornar os vossos domínios prósperos e felizes até à última posteridade [descendência vindoura].

A petição foi submetida a Sua Majestade portuguesa no dia seguinte na língua do seu país pelo cônsul britânico, apresentado pelo enviado [emissário extraordinário ao rei de Portugal] de Sua Majestade [o rei britânico em 1755 era Jorge II] naquela corte [Abraham Castres, o enviado britânico, diplomata e representante em Lisboa-Portugal em 1755, aquando do Terramoto]. Foi recebida muito benevolentemente [da qualidade de ser favorável, da boa vontade] pelo rei [D. José I] e altamente [muitíssimo grandemente] aprovada pelo seu ministro [Pombal]». [...]

Caro Senhor,

O vosso mais fiel e obediente Servo

Marvila,

20 Nov., 1755.

FINIS».

(*op. cit.*, Um Relato dos Horríveis Terramoto e Incêndio de Lisboa, Londres, 1755, pp. 40/41, 42/43, 44/45, 46/47, 48/49, 50/51, 52/53, 54/55, 56/57, Edição Bilingue Inglês/Português)

Segue-se a testificação tirada de uma carta anónima: «Belém, datada de 20 de Novembro de 1755», impresso-publicada *in* The Gentleman's Magazine, Londres, Dezembro 1755, Vol. XXV, p. 559:

– Testemunho comentado –

«Ilmo. [Ilustríssimo] Senhor,

Já vos escrevi desde a horrível catástrofe que se abateu sobre este desgraçado país [reino de Portugal e dos Algarves], cuja terra firma [da grafia] ainda não está assente, fazendo-se ainda sentir, de vez em quando, suaves tremores intermitentes [das réplicas do Grande Terramoto de Lisboa de 1755 que se prolongaram por dias e dias, semanas], mas nenhum de importância. Tal ruína universal não podia ter acontecido num momento mais desafortunado, acabadas que eram de chegar as riquezas de três esquadras [força naval portuguesa composta por vários navios de guerra, parte integrante de uma frota] e de mais três navios da Índia. Toda a cidade [de Lisboa] é um monte contínuo de destroços e ruínas; e, não obstante isso, não se fala de outra coisa senão em reconstruí-la. Os impostos sobre todos os tipos de provisões foram, logo de início, suprimidos e assim permanecem: mas não é possível saber quanto tempo irá isto durar, pois todos os dias se fala em restabelecer [o pagamento de impostos].

Vários patifes [fora-da-lei, ladrões] foram presos e executados [justiça pombalina sumária, célere], na maioria estrangeiros e, para nossa vergonha, de entre outras nações [povos], alguns marinheiros ingleses por roubarem e pilharem o palácio e a capela real, etc., de uma grande quantidade de baixela valiosa [sendo que as baixelas na época eram feitas sobretudo de prata ou prata dourada; falamos de utensílios de mesa]. Os outros eram desertores franceses e espanhóis [desertores da Guerra da Sucessão da Áustria, 1740-1748, com o objectivo de escolher o sucessor do imperador Carlos VI na monarquia da Casa de Habsburgo, que nomeou a filha Maria Teresa através da Pragmática Sanção 1713 (da ratificação, assentimento, validação e concordância), e cuja elegibilidade foi contestada pela Prússia, Saxónia, Baviera, Espanha e França, contra a Áustria e aliados: Grã-Bretanha, República Holandesa e Sardenha, dando origem ao conflito europeu; já no final da guerra, a Rússia juntou-se aos aliados da Áustria. A guerra terminou com o Tratado de Aix-la-Chapelle, em 1748,

que confirmou Maria Teresa como arquiduquesa da Áustria e rainha da Hungria e da Boémia; foi a primeira imperatriz reinante do Sacro (santo, sagrado) Império Romano-Germânico], e alguns das prisões comuns [fala da Cadeia do Limoeiro, onde os presos comuns, detidos por crimes não políticos, eram mantidos no cárcere; também tinha celas para prisioneiros nobres. Também estava compartimentada com o maior tribunal do reino na época, a Casa da Suplicação], as quais [prisões], na destruição geral, deitaram o seu conteúdo para fora (exceptuando os que ficaram sob as ruínas [da fuga e morte dos presos] tal como outros edifícios. Um mouro [do latim, *maurus*, que significa escuro, ou do Norte de África; também tem o sentido de muçulmano], que escapou [fugiu] com os mais [outros remeiros] das galés [embarcações de guerra, com propulsão a vento-velas e humana, composta por remadores: escravos e/ou prisioneiros], onde os galerianos eram encarcerados, confessou antes de ser enforcado que deitara fogo à cidade em sete locais, depois do fim do primeiro abalo. Um desertor francês confessou que fez o mesmo em três lugares, um dos quais foi a Casa da Índia, adjacente [confinante, contígua] ao palácio.

Belém,

20 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Carta Anónima, p. 65)

Continuamos agora com o testigo, em forma de carta, do Ilmo. [Ilustríssimo] Senhor Abraham Castres, enviado extraordinário [enviado especial de Inglaterra] ao rei de Portugal, mandatado como diplomata e fazendo o papel de embaixador após o Grande Terramoto de 1755, dando as condolências à família real portuguesa, Lisboa, datada de 6 de Novembro de 1755. Cito-comentando:

– Testemunho comentado –

«Senhor,

Já haveis, com toda a probabilidade, sabido da inexprimível catástrofe que aconteceu a toda a costa marítima e, particularmente, a esta cidade opulenta [de Lisboa, rica e próspera], agora reduzida a um monte de destroços e ruínas por um tremendíssimo terramoto no primeiro [dia, dia 1] deste mês [de Novembro; ano da graça de 1755], seguido de uma conflagração [Incêndio, fogo descontrolado, fora de controle humano] que provocou dez vezes mais danos do

que o próprio terramoto [da estupefacção, espanto e assombramento, do pasmo causado pelo Grande Incêndio]. Fiz um breve relato do nosso infortúnio [tribulação e adversidade, da desventura] a «Sir» [Senhor] Benjamim Keene [foi o embaixador britânico em Madrid-Espanha na época do Terramoto; Castres e Keene eram amigos, e Keene foi o portador das notícias do Terramoto em Inglaterra] por um espanhol, o qual, como toda a comunicação por correio estava parada, prometeu levar a minha carta até Badajoz [na fronteira, raia com Portugal] e cuidar para que fosse entregue na posta [agência dos correios para receber correspondência e, ou, encomendas] com segurança. Era apenas para informar Vossa Excelência de que, Deus seja louvado, a minha casa aguentou os abalos, ainda que muito danificada; e que, acontecendo estar fora do alcance das chamas, vários dos meus amigos, queimadas as suas casas, se refugiaram comigo no meu jardim, onde os acomodei em tendas tão bem quanto pude;

[...] O cônsul e a sua família foram salvos e encontram-se bem numa casa de campo próxima da cidade. Os que se acham comigo agora são o pastor holandês [do termo pastor, em virtude da religião protestante professada], a mulher e os três filhos [no protestantismo, os pastores podem constituir família, casar e ter filhos], com sete ou oito dos seus criados. O resto do meu grupo, de classe mais alta, consiste em vários mercadores desta Feitoria [britânica, entreposto, empório de comércio] que, na sua maioria, perderam tudo quanto tinham [do drama humano das perdas vivido, sentido e experimentado]; embora algumas casas, como as dos Srs. Purry e Mellish, as do Sr. Raymond e as do Sr. Burrell, tenham tido a sorte de salvar o seu dinheiro, quer no total, quer em parte [dos detalhes pormenorizados]. Por enquanto, não posso dar nenhum número certo dos mortos e feridos; neste aspecto, a nossa pobre Feitoria escapou bastante bem, considerando o número de casas que aqui temos.

Perdi o meu bom e respeitável amigo, o embaixador espanhol [Conde de la Perellada, embaixador de Espanha em Portugal, 1753-1755], que ficou esmagado sob o seu portal quando tentava escapar para a rua. Isto, com a angústia em que tenho estado durante estes últimos quatro dias, ocasionada pelos relatos sinistros que nos são trazidos a todo o instante dos acidentes acontecidos a um ou outro dos nossos conhecimentos entre a nobreza que, na sua maioria, está bastante combalida, tem-me afectado bastante; mas, sobretudo, as criaturas miseráveis da classe [da grafia; em 1755, a sociedade do Antigo Regime estava dividida por estados ou ordens, por grupos sociais: clero, nobreza e terceiro estado ou povo] mais baixa dos súbditos de Sua Majestade, que acorrem todas a mim para comida e estão espalhadas pelo meu jardim com as suas mulheres e filhos. Ajudei-os a todos até agora e continuarei a fazê-lo enquanto as provisões não nos falharem, o que espero não vir a ser o caso pelas boas ordens que o Sr. de Carvalho [do reconhecimento internacional do excelente trabalho conduzido por Pombal na resposta imediata aos problemas mais prementes e de urgência aflitiva. Sebastião José de Carvalho e

Melo (1699-1782), Secretário de Estado do rei D. José I de 1750 a 1777, posteriormente Marquês de Pombal, título de nobreza recebido em 1769, dando-lhe o nome pelo qual ficou conhecido na história de Portugal e do Brasil, importante diplomata e estadista português, e o grande mentor da reconstrução de Lisboa – de acção pronta e decisiva, deixa-nos o legado de um político visionário e determinado no pós-apocalíptico Terramoto de 1755 – deu o padrão-estilo da Lisboa renascida das cinzas – da «fénix pombalina», paradigma que simboliza a capacidade de superar as adversidades da vida, da renovação e da perseverança – feita de força, rigor e exigência do cunho identitário de Pombal. Também e ainda, implementou reformas sociais, económicas e educativas] deu a este respeito.

[...] Estando as ruas impraticáveis durante os primeiros dias, só ontem tive a honra de, em companhia do Sr. de La Calmette, visitar o rei de Portugal e toda a família real, em Belém [da Quinta Real de Belém], que fomos encontrar acampados, não estando nenhum dos palácios reais em condições de os abrigar [do património, propriedades e palácios da Família-Casa Real em Lisboa e arredores, ficaram em ruínas e foram destruídos: o Paço da Ribeira, o Paço da Quinta de Alcântara, o Paço da Alcáçova, o Palácio da Bemposta e o Palácio Corte-Real; apenas e só ficaram de pé a Quinta de Belém e o Palácio das Necessidades]. Embora o prejuízo que Sua Majestade Fidelíssima sofreu nesta ocasião seja imenso, e a sua cidade capital [Lisboa] esteja completamente destruída, ele recebeu-nos com mais serenidade do que esperávamos; e, entre outras coisas, disse-nos que devia muitos agradecimentos à Providência [a Deus] por ter salvo a sua vida e a da sua família; e que estava extremamente contente por nos ver salvos a ambos.

A rainha, em seu nome e no de todas as jovens princesas, mandou-nos recado que ficavam obrigadas [da deferência] pela nossa atenção, mas que estando nas suas tendas e com um vestuário impróprio para aparecer [do pudor], pediam que de momento desculpássemos que não viessem aceitar os nossos cumprimentos em pessoa.

A maioria das famílias notáveis da nossa Feitoria já assegurou passagem para Inglaterra em três ou quatro navios mercantes de Londres, que se estão a preparar para partir. Assim que a fadiga e o grande transtorno de espírito que eu tenho sofrido durante estes primeiros dias tiverem passado um pouco, pensarei nalgum método para abrigar os mais pobres [dos britânicos], quer alugando o casco velho de um barco português, quer, se não conseguir isso, uma embarcação inglesa até poderem ser enviados para Inglaterra; existem muitos que desejam permanecer [ficar, continuar em Lisboa], na esperança de encontrar entre as ruínas algum do pouco dinheiro que possam ter deixado nas suas habitações.

As melhores ordens têm sido dadas para prevenir a rapina [roubos] e assassínios, dos quais temos tido frequentes exemplos nestes três dias, havendo multidões de desertores espanhóis [da Guerra da Sucessão austríaca] na cidade, que aproveitam esta oportunidade para fazer das suas [do «caos terramótico» e da desordem civil, prontamente intervencionada pela mão implacável de Pombal]. Como tenho somas avultadas em depósito na minha casa, pertencentes aos meus compatriotas suficientemente felizes por salvarem algum do seu dinheiro, e como os malandrins [de malandrim, indivíduo vagabundo, que não gosta de trabalhar, vadiagem] andam toda a noite à roda da minha casa, escrevi esta manhã ao Sr. de Carvalho [Pombal] a solicitar uma guarda [segurança], que espero não seja recusada [reitera o elogio a Pombal].

Irá ocorrer em minha casa, dentro de um dia ou dois, uma reunião da nossa dispersa Feitoria para reflectir sobre o melhor a fazer nas desgraçadas circunstâncias em que nos encontramos. Estou determinado a manter-me ao serviço dos desamparados enquanto puder permanecer em terra com a mínima aparência de segurança; e o Sr. Hay parecia resolvido a fazer o mesmo da última vez que conversei com ele sobre isso.

Humildemente, devo pedir-vos perdão, Senhor, pela desordem desta carta, rodeado como estou pelos muitos em desamparo [das vítimas do Terramoto] que, de um momento para o outro, recorrem a mim quer para auxílio, quer para abrigo [...]». [...]

Lisboa,

6 Nov., 1755.».

(*op. cit.*, Carta de Abraham Castres, Enviado Extraordinário Britânico ao Rei de Portugal, pp. 69, 73, 75, 77)

Segue-se uma carta genuína do Sr. Joseph Fowke ao Sr. Collyer, do seu irmão perto de Lisboa, datada de Novembro de 1755, na qual é feita uma descrição muito minuciosa e impressionante do recente Terramoto de Lisboa. Aludindo:

– Testemunho comentado –

«Uma carta do Sr. Joseph Fowke ao Sr. Collyer

Sr. Collyer,

Exmo. Sr.

No momento em que me foi dito que o falecido Dr. Foster era seu amigo, e que podia ser de algum benefício para si permitir a publicação de uma carta do meu irmão para mim [por interposta pessoa], não pude hesitar. Junto tem uma cópia exacta, no que se refere à calamidade de Lisboa. [...] Os incidentes são impressionantes e entremeados com tantas observações sobre a aflição pública, que se torna interessante no conjunto. [...] Acrescentei algumas notas, que julgo serem [úteis e] necessárias para aqueles que nunca residiram em Lisboa. Sou,

Exmo. Sr.

O vosso muito humilde criado,

Londres,

15 Dez., 1755.

Joseph Fowke

Carta de Lisboa para o Sr. Fowke

Querido Irmão

Já te escrevi algumas linhas sobre a calamidade geral aqui: mas para ser mais minucioso – cerca das 10 horas, depois do pequeno-almoço, no 1.º de Novembro, Dia de Todos-os-Santos, estava eu a conversar com dois amigos portugueses no escritório – uma bela manhã calma; de repente demos pela casa a tremer e por um grande barulho como uma carruagem a seis cavalos a passar por nós [o «trovão do Grande Terramoto»]: [...] estávamos todos perdidos: era certamente um violento terramoto [...]. Tomou-me o pensamento imediato de que era a perdição geral, ou talvez o último dia; mas a haver segurança, seria sob o arco de pedra na tua casa perto de [? indecifrável] e arriscaria tudo para o alcançar. Eu corri, eles seguiram-me, casas e ruas como que a dançar sob nós, da nossa casa para a tua. Telhas, pedras, etc., caindo abundantemente; [...] no momento em que eu estava debaixo do arco caiu a tua casa, a do major e a do Sr. Joyce, de forma que eu fiquei completamente sufocado pelos destroços que me cobriam e pelo pó das ruínas. É surpreendente como fui sacudido debaixo do arco no espaço de dois minutos, quando o movimento cessou; [...] não

existindo mais ruas – pois casas e ruas estavam todas ao mesmo nível – [...] – o segundo terramoto terrível – o nosso medo então era que a nossa casa caísse sobre nós, ao vê-la inclinar-se para cá e para lá como o mastro de um navio numa tempestade [fortíssima imagem figurada]. – Pedimos piedade a Deus e obtivemo-la. – [...] rastejaram até à Igreja de São Nicolau [totalmente destruída pelo Terramoto e Incêndio]; mas, ali, o horror [da] confusão – [...] com] muitos expirando [morrendo], e outros (espectáculo impressionante!) com o clero correndo de cá para lá sobre as ruínas a fim de confessar e absolver [inocentar, perdoar] aqueles que ainda estavam vivos – todos gritando a Deus por piedade. Fomos até perto de São Nicolau e arrastámo-nos por sobre as ruínas através da Rua das Arcas até ao Rossio, salvando algumas pobres pessoas no nosso caminho; mas, quando lá chegámos, as cenas de horror foram duplicadas, de tal modo que eu não posso comparar a nada senão à ideia, que tinha formado na minha juventude, de pecadores miseráveis no último dia gritando a Deus por piedade: ao que se deve acrescentar as inúmeras criaturas à nossa volta a expirar [morrer] com gemidos e miséria – prosseguimos então para os campos – e nas colinas por trás da casa de espectáculos de bonecos [fala do Teatro do Bairro Alto ou Casa dos Bonecos, que começou em 1733], ocorreu um terceiro terramoto violento [(re)confirma dos três sismos violentos do Grande Terramoto], durante o qual fomos obrigados a deitar-nos ou ajoelhar-nos, não conseguindo manter-nos de pé. – [...] novas cenas de miséria – [...] todas as passagens estavam obstruídas pelo incêndio que começou a lavrar e, de noite, vimos toda a cidade em chamas [a confirmação do Grande Incêndio relatado]. Ficámos no campo toda a noite. – Tive imenso frio. – Não tinha outra roupa a não ser o meu roupão e os chinelos; a minha mulher e todo o nosso grupo mais ou menos no mesmo estado. – Mas Deus preservou-nos. – [...] Aluguei um burro com uma albarda e silhão [uma cela grande usada por mulheres], pus a Nancy e o Harry de cada lado e o Joe no meio [família] e assim levei o nosso pequeno grupo para Sacavém [que dista cerca de 7 milhas, 11,26 km (7 milhas x 1,609 km ~ 11,265 km) de Lisboa]. – A cidade estava deserta, o campo encontrava-se cheio de gente por toda a parte e a cada momento dávamos com conhecidos na mesma ou maior aflição do que nós próprios – apenas um abraço e lágrimas conseguiam exprimir a comoção [das pessoas aterrorizadas e do desassossego, agitada perturbação e emoção] dos nossos espíritos –

[...] Este é o 16º dia depois do incêndio e os destroços ainda estão tão quentes que pegam fogo aos cestos que os levam.

[...] O incêndio consumiu a Igreja [e convento] de São Domingos [sendo que o Palácio da Inquisição também se incendiou] incluindo o Rossio e, desde aí, até à margem do rio [Tejo], alargando a este e oeste para as galés e para baixo até à Igreja de São Paulo [destruída pelo Terramoto; João Baptista de Castro refere a morte de 60 pessoas, incluindo dois padres; (*op. cit.*, notas, nota 94, p. 263)]. – O palácio do rei, Alfândega, igrejas foram todos consumidos [pelo Incêndio]. –

A corte, a população da cidade, freiras, frades encontram-se todos nos campos; e Deus sabe o que nos acontecerá, já que ainda temos um ou dois terremotos todas as 24 horas [das réplicas sísmicas persistentes, durando dias]. – [...] Não é exprimível [da impossibilidade das palavras perante a imposição castigadora da realidade da Natureza impiedosa] a miséria que a população sofre por causa do frio, fome e chuva. Estamos, graças a Deus, melhor que muitos. O rei parece resolvido a [re]construir Lisboa de novo no mesmo local e a milícia [tropa] da região em redor está agora a limpar as ruas. – Mas nisto deverá ser uma obra do tempo. – O rei retirou os impostos sobre o bacalhau, sobre o peixe fresco e de todo o tipo de provisões, agora trazidas para terra sem qualquer encargo [medida inteligente, visando motivar o abastecimento da cidade de Lisboa de víveres e evitar a fome e a especulação dos preços, num cenário em que grassava o mais absoluto caos]. O bacalhau vende-se a bordo a dinheiro [na altura, a moeda portuguesa circulante era o real, com os pagamentos a serem feitos em reais ou réis, em circulação desde 1430 até 1911, após a implantação da República em 1910, altura em que foi substituído pelo escudo] à vista a 3600 o quintal [era uma unidade de peso usada no período pré-sistema métrico, equivalente a quatro arrobas (1 arroba = a 15 kg), que totalizavam na ordem dos 59/ 60 kg, tendo como referência o quintal tradicional, antigo. O quintal métrico pré-decimal era importante nas transacções comerciais e era usado, por exemplo, no Brasil); já o quintal métrico corresponde a 100 quilogramas e é a unidade oficial e padronizada pelo Sistema Internacional de Unidades], o arroz a 3400, a manteiga a 63 réis por libra [da conversão monetária; da curiosidade, referir que, em 1755, a 1 libra esterlina, moeda de ouro de referência, correspondiam 12 mil réis, com mil réis a corresponder a 1 conto de réis; conversão-cálculo: 1 libra (12 réis) x 1000 réis = 12000 réis]. – Trigo temos bastante. – Os açúcares estão todos queimados.

Lisboa,

17 Nov., 1755.».

(*op. cit.*, pp. 129, 133, 135, 137, 139, 141)

Observados que são alguns testemunhos, dilatados em texto corrido comentado, passamos agora ao que chamamos de «puzzle» de excertos de testemunhos, de grafia-fonte original, sem observações, na sua quase generalidade a partir de cartas anónimas de relatos britânicos – das fontes históricas – que constam da obra de referência que serve de fio condutor para a nossa dissertação. Dos factos, das provas e da narrativa das vítimas sobreviventes, as palavras que se interconectam em afirmações, evidência demonstrada e argumentação com marca – da sinalética da expressão, das emoções, dos sentimentos e das imagens criadas – do literal e do emocional, da religiosidade-crença, do secular-mundano e do fantasioso-imaginário: o pulsar do Grande Terramoto, grande

maremoto, grande tsunami e grande Incêndio de Lisboa, de 1 de Novembro de 1755, ancorados na História.

Das menções-alusões não comentadas (salvo excepções pontualíssimas): seguem-se citações-referências de relatos não anotados – da ausência de comentários e esclarecimentos explicativos – seguem os testemunhos originais na linguagem-grafia da época.

– **Testemunho não comentado** – (da excepção do comentário)

«[...] É opinião geral que todo o prejuízo proveio dos três primeiros abalos do terramoto, que foram acompanhados por um movimento de tipo balouçante, como as ondas do mar; [...] nenhum lugar nem tempo podiam ter sido mais infelizes para as desgraçadas pessoas. A cidade possuía inúmera ruas estreitas; [...] as casas [...] ao cair, encheram todas as passagens. O dia era o de Todos-os-Santos, que para os Portugueses é um grande feriado, quando todos os altares nas igrejas estavam acesos com muitas velas de cera. Exactamente no momento em que se encontravam mais cheias de gente, a maioria delas caiu imediatamente! Da mesma forma, as ruas estavam apinhadas de pessoas, indo e vindo das suas igrejas, muitas das quais devem ter sido mortas apenas pela queda das casas.

Seria impossível pretender descrever com exactidão o terror e aflicção universais que tiveram lugar por todo o lado. Muitos salvaram-se indo para a água, enquanto outros encontraram lá a morte que esperavam ter evitado. [...] Outros [...] aprisionados debaixo das ruínas das suas moradas para serem queimados vivos em breve! [...] Em resumo, a morte sob todas as formas em breve se tornou familiar à vista! As súplicas sinceras, mas negligenciadas dos mutilados, não menores do que as orações violentas e clamorosas de pessoas que julgavam ser o dia do juízo final, aumentavam de forma inexprimível o transtorno geral. Diz-se que o rio subiu de uma maneira fantástica e baixou várias vezes sucessivamente; de uma vez ameaçando inundar as partes mais baixas da cidade e logo depois deixando os navios encalhados, mostrando rochas que nunca antes tinham sido vistas.

[...] A duração do primeiro abalo, que veio sem qualquer aviso, excepto um grande barulho ouvido pelas pessoas próximas da margem do rio, é relatada diferentemente, mas por ninguém inferior a três minutos e meio. Foi no final deste primeiro abalo, segundo imagino, que eu fui atirado contra a parede e caí cerca de quatro andares entre as casas! [...] O segundo abalo que eu senti na casa do nosso vizinho português e que se disse ter acontecido às 10 horas, embora seja confundido por algumas pessoas com o primeiro. Estou, portanto, quase inclinado a pensar que não podia ser o terceiro que eu senti em casa do Sr. Forg,

pois como esse foi às 12 horas, [...] vi a parte do centro da cidade estendendo-se até ao palácio do rei e pela colina oposta à nossa acima até ao Bairro Alto e contendo diversas paróquias, tudo num grande fogo. [...] Observei a cidade a mover-se como as ondulações da água; [...] aquando do tremer quase contínuo da terra, bem como do afundar do grande cais de pedra adjacente a esta praça ao terceiro abalo cerca das 12 horas, na ocasião em que o cais abrigava 300 pessoas, como se disse, todas tentando entrar em barcos, as quais foram engolidas, barcos e tudo; [...] tudo isso me tornou receoso de que as águas tivessem minado a praça e a cada convulsão sucessiva nós nos afundássemos; ou então sendo o chão baixo, e ao mesmo nível da água, que o seu mínimo avanço nos afogasse. Cheio destes terrores, bem como torturado pelas aflições já mencionadas, por mais de uma vez me ocorreu que a Inquisição, com toda a sua extrema crueldade, não podia ter inventado metade de uma tal variedade de torturas para o espírito, como as que estávamos então a sofrer.

[...] A gente do povo foi imediatamente forçada pelos soldados, de espadas desembainhadas, a enterrar os cadáveres, tendo-se o mau cheiro tornado tão fétido que se temiam más consequências. [...] Todo o coração da cidade, a sua parte mais rica, ficou queimado. [...] Foi estranhamente sentido no Porto, 150 milhas para o norte; e até em Madrid, a 300 milhas de Lisboa. Todos os locais do Sul sofreram grandemente.

[...] A família real estava em Belém, a três milhas de Lisboa,

[...] O número de habitantes da sua cidade [...] 350 mil; mas o Sr. Hake, [...] pensa que 250 mil seria o máximo. [...] Num dos seus melhores relatos, acabado de publicar, é calculado em cerca de 15 mil; mas o Sr. J. Bristow Jr. Disse-me, sabendo-o da melhor autoridade (creio que foi do Secretário de Estado), [fala de Pombal], que o número de mortos encontrados e sepultados foi de 22 mil, em números redondos; em cujo caso, como devem ter ficado ainda mais sob as ruínas, o cômputo de 50 mil pessoas mortas pelo terramoto parece-me moderado.

Houve 69 súbditos britânicos mortos naquela ocasião, como consta de uma lista dos seus nomes recentemente distribuída, a maioria dos quais eram católicos romanos irlandeses e só cerca de 12 ou 13 ingleses entre perto de 300. [...] Um número, pois, muito moderado em relação à perda geral, o que julgo ter-se devido grandemente [...] à Providência Divina,

[...] Quanto aos Portugueses, eles estavam completamente entregues a uma espécie de loucura religiosa, arrastando santos sem cabeças ou braços; dizendo uns aos outros, de uma maneira bastante lastimável, como sentiram tais infortúnios; e todo o seu clero afirmando tratar-se de um julgamento sobre eles pela sua maldade. Alguns diziam mesmo que era por eles terem mostrado tanta generosidade para com os hereges e, indo de maneira tumultuosa à corte,

declararam ser esta a causa dos sofrimentos do povo. Pensavam eles que era quase ímpio tentarem tratar de si e muitos chamavam-lhe lutar contra o Céu!

[...] Finalmente, um milagre trouxe a população razoavelmente a si própria, levado a efeito, segundo supomos, por uma ordem secreta da corte. A meio da noite, a Virgem Maria foi vista sentada entre chamas de fogo das ruínas, acabadas de ser deitadas abaixo pelo terramoto, de uma igreja pertencente a um famoso convento a ela dedicado, do nome de Nossa Senhora da Penha de França, situado sobre o cimo de uma colina muito alta, acenando um lenço branco ao povo. Isto foi imediatamente declarado ser um perdão por todas as suas ofensas passadas e uma promessa de vida.

[...] Os Portugueses [...] puseram as suas esperanças em Inglaterra logo desde o início, esperando muito confiantemente receber dela todo o género de auxílio. [...] Intenções dos ingleses de aliviar as suas agravadas calamidades.

31 Dez., 1755».

(*op. cit.*, Narrativa do Sr. Thomas Chase do Terramoto de Lisboa, pp. 117, 119, 121, 123, 125)

– Testemunho não comentado –

«[...] A cidade estava em fogo, em várias partes distantes ao mesmo tempo. Isto completou-lhe a destruição pois no terror em que todos se encontravam, não foi feita nenhuma tentativa para o parar e, como o vento estava muito forte levando as fagulhas, propagou-o de uma rua para a outra. O fogo lavrou com grande violência durante oito dias e isto nas principais e mais densas partes da cidade. Tendo as pessoas fugido para os campos meio despidas, o incêndio consumiu todo o tipo de mercadorias, artigos domésticos e vestuário; [...] o incêndio [...] este deixou um cenário de desolação e miséria indescritível por palavras. Os palácios do rei, na cidade, estão totalmente destruídos. O armazém do tabaco e outros, com as cargas de três frotas do Brasil, partilharam o mesmo destino; em resumo, poucas mercadorias sobraram em toda a cidade.

[...] O incêndio, entretanto, alcançou as casas a norte, e o vento soprou-nos grandes chuvas de fogo com uma saraivada, ficando tão quente e cheio de fumo que estávamos quase cegos.

[...] Os abalos continuaram diariamente até domingo passado; cerca das 3 horas da tarde tivemos um que fez tremer o navio; [...] o incêndio continuou durante o mesmo tempo, ora abafado, ora irrompendo com fúria;

[...] Um grande cais apinhado de mercadorias, próximo da Alfândega, afundou-se ao primeiro abalo, com cerca de 600 pessoas sobre ele, que pereceram todas. Faro está debaixo de água, Setúbal partilhou o mesmo destino; todo o reino até ao Porto foi atingido. O Porto sofreu poucos danos. Estima-se para cima de 50000 as almas perecidas em Lisboa; aqueles que escaparam estão meio despidos. Uma providência notável parece ter distinguido os protestantes (pois de entre o grande número fixado em Lisboa, apenas cerca de doze ou catorze estão dados por desaparecidos), alguns dos quais foram salvos de forma miraculosa, para lá de toda a esperança ou expectativa de salvação.

Porto de Lisboa,

19 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Carta anónima, pp. 151, 153)

– **Testemunho não comentado** – (da excepção do comentário)

«O que se segue é o relato de uma das mais trágicas catástrofes registadas na história, em cuja veracidade pode confiar plenamente visto que participei nela em grande parte.

Jamais existira manhã mais bela do que aquela do dia 1 de Novembro; o Sol brilhava em todo o seu esplendor; a superfície do céu estava perfeitamente serena e límpida; e não havia o menor sinal ou indício da aproximação do acontecimento que fez desta outrora florescente, opulente e populosa cidade um cenário de extremo horror e desolação, excepto alguns motivos de alarme que mal deram tempo para a fuga da destruição geral.

Foi na manhã deste dia fatal, entre as 9 e as 10 horas, [...] a casa começou a tremer desde o mais profundo dos seus alicerces, [...] devido a um estranho e terrível ruído subterrâneo, semelhante ao estrondo profundo e distante da trovoadas. Tudo isto aconteceu em menos de um minuto [...] ruído [...] precursor de um tremor de terra,

[...] Ficar, de súbito, atordado com um terrível estrondo, como se todos os edifícios tivessem ruído de repente. A casa onde eu estava tremeu com tal violência que os andares superiores caíram imediatamente, [...] de tal maneira que tive dificuldade em manter-me de pé e esperando nada menos que ser esmagado mortalmente, visto as paredes continuarem a oscilar da forma mais assustadora, abrindo rachas em vários locais; enormes pedras caíram das fendas por todos os lados e as pontas da maior parte das vigas saíam do tecto. Para agravar esta cena apavorante o céu tornou-se de repente tão escuro que

eu já não conseguia distinguir nenhum objecto. Eram na verdade as trevas egípcias, devido sem dúvida às prodigiosas nuvens de poeira e caliza provocadas por tão violento abalo e, conforme alguns relataram, por emanções sulfurosas, o que não posso confirmar. No entanto, é certo que durante perto de dez minutos quase sufoquei.

[...] Uma mulher sentada no chão, com uma criança nos braços, toda coberta de pó, pálida e trémula. [...] Lembro-me da pobre criatura me perguntar com a maior das angústias se eu não achava que era o fim do mundo. [...] Convidei-a a agarrar-se ao meu braço para tentar levá-la para local seguro.

[...] O facto de estar despido nessa altura será sempre por mim encarado como uma especial protecção divina, pois se me tivesse vestido para tomar o pequeno-almoço com um amigo, como tencionava fazer quando saí da cama, teria muito provavelmente fugido para a rua no início do abalo, como o fizeram as restantes pessoas que estavam no prédio, e teria, portanto, ficado com o cérebro esmagado como todos ficaram. [...] Apressei-me a descer as escadas, com a mulher que me acompanhava agarrada ao meu braço, e dirigi-me imediatamente para o fim da rua que vai dar ao Tejo; mas, encontrando a passagem completamente bloqueada por casas desmoronadas até à altura de um segundo andar, [...] e tendo ajudado a mulher a passar por cima de um enorme monte de ruínas. [...] Como havia uma parte que eu não conseguia galgar sem a ajuda das minhas mãos e pés, pedi-lhe que largasse o meu braço, o que ela fez, mantendo-se um metro atrás de mim. Naquele instante caiu uma enorme pedra de uma parede oscilante que desfez ambas em pedaços, a ela e à criança; [...] um espectáculo tão lúgubre [...] o medo com que estava de eu próprio partilhar a mesma sorte e os vários incidentes do mesmo género que se apresentavam por todo o lado à minha volta, eram demasiado chocantes. [...] Tinha agora de passar por uma longa e estreita rua com casas de quatro e cinco andares de ambos os lados, todas muito velhas, a maior parte desmoronadas ou a ruírem constantemente e ameaçando os transeuntes a cada passo com uma morte inevitável; eram inúmeros os que jaziam mortos à minha frente; no entanto, o que achei ainda mais trágico foi ver as pessoas tão magoadas e feridas que nem sequer se podiam mexer para se ajudarem a si próprias ou aos outros. Como a destruição me parecia inevitável, eu só desejava que o meu fim chegasse de imediato e que não ficasse só com as pernas e braços partidos, caso em que nada mais poderia esperar do que ficar para ali arrastando o sofrimento como aqueles pobres e infelizes desgraçados, sem receber o mínimo socorro de ninguém.

[...] Igreja de São Paulo tinha ruído, minutos antes, sepultando uma grande parte dos fiéis, que eram normalmente muito numerosos, visto que era uma das paróquias mais populosas de Lisboa. Aqui fiquei algum tempo a reflectir sobre o que deveria fazer. Pensando não estar em segurança nesta situação resolvi trepar por cima das ruínas da parte ocidental da igreja para chegar à margem do

rio, a fim de estar o mais longe possível do perigo das casas oscilantes, caso houvesse um segundo abalo.

Consegui isto com alguma dificuldade, e ali encontrei um ajuntamento prodigioso de pessoas de ambos os sexos e de todas as condições sociais, entre as quais reparei em alguns dos principais cônegos da igreja patriarcal, com as suas púrpuras vestes episcopais (visto todos usarem hábito de bispo), vários padres que fugiram dos altares no meio da celebração da missa, vestindo os seus paramentos sacerdotais. Senhoras meias despidas e algumas sem sapatos, todos os que, devido aos perigos comuns, se tinham ali reunido por ser um lugar com alguma segurança. Estavam de joelhos a rezar, com o terror da morte espelhado no rosto, batendo no peito e gritando incessantemente – «Misericórdia, meu Deus!». Entre a multidão não pude deixar de reparar num velho e venerável padre, com a sua estola e sobrepeliz, que me apercebi ter escapado da Igreja de São Paulo. Andava incessantemente de um lado para o outro entre as pessoas exortando-as ao arrependimento e tentando confortá-las. Dizia-lhes, chorando copiosamente, que Deus estava profundamente ofendido com os seus pecados, mas de implorassem à Virgem Maria ela intercederia por eles. Juntaram-se todos à sua volta, suplicando sinceramente a sua bênção e bem feliz se sentia aquele que dele se podia aproximar suficientemente para tocar na orla das suas vestes. Reparei que muitos tinham pequenos crucifixos de madeira e imagens de santos nas mãos que me ofereceram a beijar, e lembro-me de que um pobre irlandês me estendeu um Santo António com essa finalidade. Quando delicadamente empurrei o seu braço, dando-lhe a entender que desejava ser dispensado desse género de devoção, perguntou-me com alguma indignação se eu acreditava na existência de Deus. Acredito plenamente que muitas destas criaturas fanáticas salvaram aqueles pedaços de madeira inúteis, deixando perecer os seus próprios filhos. Não quero, porém, que suponha ter eu neste caso a menor intenção de troçar das suas superstições; tenho sincera pena deles e devo admitir que espectáculo mais comovente nunca foi visto. As suas lágrimas, os seus suspiros amargurados e lamentações teriam sensibilizado o coração mais duro. Ajoelhei-me entre eles e rezei com fervor idêntico ao deles, mas a um Ente [DEUS] que poderia ouvir as minhas orações ou prestar-me socorro.

No meio das nossas orações houve um segundo grande abalo um pouco menos violento do que o primeiro, que acabou de destruir aqueles edifícios que já estavam bastante danificados. Tornou-se o pavor de tal forma generalizado que se podia ouvir distintamente os gritos e lamentações de misericórdia do alto de Santa Catarina, que fica a uma distância bastante grande e onde um grande número de pessoas também se refugiou. Ao mesmo tempo ouviu-se a queda da sua igreja paroquial, na qual morreram, imediatamente, inúmeras pessoas, tendo outras ficado mortalmente feridas. Pode avaliar a força deste abalo quando lhe disser que foi tão violento que quase não me consegui manter de joelhos, e foi

acompanhado de alguns incidentes ainda mais horrendos do que os do precedente. De repente ouvi um clamor geral: «O mar está a subir, vamos todos morrer». Ao escutar isto, dirigi o olhar em direcção ao rio, que naquele lugar tem uns seis ou oito quilómetros de largura, pude observá-lo a ondear e a elevar-se de uma maneira inexplicável, pois não havia a mais leve brisa. De repente, apareceu a uma pequena distância uma enorme massa de água a erguer-se como uma montanha, aproximando-se espumando e rugindo, precipitando-se em direcção à terra tão impetuosa que, não obstante termos imediatamente fugido com a maior rapidez para salvar as nossas vidas, muitos foram arrastados para o largo. Os restantes ficaram com água acima da cintura, a boa distância das margens. No que me diz respeito, escapei por pouco e teria certamente perecido nessa altura se não me tivesse agarrado a uma grande trave caída por terra, até a água ter regressado ao seu leito, o que aconteceu quase de imediato e com igual rapidez.

Como agora parecia haver pelo menos tanto perigo do mar como da terra, e quase que não sabia onde me refugiar para me abrigar, resolvi de repente voltar para trás, para a zona de São Paulo, com a roupa completamente encharcada. Aí fiquei algum tempo a olhar para os barcos que balouçavam agitando-se como se estivessem num temporal violento. Alguns tinham ficado com as suas amarras quebradas e foram arrastados para a outra margem do Tejo. Outros, rodopiavam com incrível rapidez e vários grandes voltaram-se ficando com a quilha para o ar, tudo isto não havendo vento nenhum, o que muito me surpreendia. Foi nesta altura que o novo e magnífico cais, todo construído em mármore bruto a um custo muito elevado, foi completamente engolido, com todas as pessoas que estavam em cima, e que para lá tinham fugido para se protegerem, pois, tinham razões para pensar que naquele local estariam fora de perigo. Ao mesmo tempo, um grande número de barcos e embarcações ancorados perto dele e igualmente cheios de gente, que ali se tinham refugiado, foram engolidos como num redemoinho e nunca mais apareceram.

Não vi este último e horrível incidente com os meus próprios olhos, por ele ter ocorrido a uma grande distância do sítio onde me encontrava na altura, mas a descrição que aqui lhe envio foi-me dada por vários capitães de navios, ancorados a 200 ou 300 metros do cais, que viram toda a catástrofe. Um deles, em especial, informou-me de que quando se deu o segundo abalo ele pôde observar toda a cidade a oscilar, como o mar quando o vento começa a levantar-se; que a agitação da terra era tão grande, mesmo no fundo do rio, que arrancou da amarração a sua grande âncora, de tal forma que esta ficou flutuando à superfície da água; que logo após este tremendo abalo, o rio subiu imediatamente perto de seis metros e num instante baixou; nessa altura viu o cais com uma multidão de gente em cima afundar-se, e ao mesmo tempo todos os barcos e embarcações perto dele foram arrastados para dentro de um fosso, que o capitão supõe ter-se fechado imediatamente sobre eles, de tal maneira

que nunca mais foram vistos quaisquer vestígios de naufrágio. Pode acreditar plenamente neste relato, pois, quanto à perda das embarcações foi confirmada por toda a gente, e quanto ao cais, fui lá, dias depois, para me convencer da verdade, e nem consegui encontrar o sítio onde tinha dado tantos passeios tão agradáveis, visto ser o lugar habitual de encontro de comerciantes ingleses radicados em Lisboa, na frescura do anoitecer. Encontrei tudo submerso e algumas partes mal se conseguiam distinguir. Este foi o único lugar, tanto em Lisboa como nos arredores, que soube ter desaparecido, embora tenha visto grandes fendas e brechas em vários locais, e não posso omitir um fenómeno estranho que me foi relatado por um amigo que tem uma casa e adegas do outro lado do rio; isto é, que a casa de habitação foi em primeiro lugar fortemente abalada, o que fez com que toda a família fugisse para a rua; nessa altura caiu um enorme rochedo perto dela e que após isto o rio subiu e recuou, como já descrito, e imediatamente apareceram um número elevado de pequenas brechas em vários terrenos vizinhos de onde jorravam, como de uma cascata, grandes quantidades de areia branca e fina até alturas prodigiosas. Não há dúvida de que as entranhas da terra deviam estar extremamente agitadas para causarem estes efeitos surpreendentes, mas se os abalos se deviam a uma explosão repentina de vários minerais ao misturarem-se, ou a ar comprimido, lutando por uma saída, ou a uma junção de águas subterrâneas, forçando uma passagem, só Deus sabe. Quanto às erupções flamejantes mencionadas na altura, creio que não têm fundamento, sendo, porém, certo que ouvi muitos queixarem-se de fortes odores sulfurosos, de tonturas, de enjoos, de dificuldades de respiração, ainda que eu não tenha sentido quaisquer desses sintomas.

Não havia muito tempo que estava na zona de São Paulo, quando senti o terceiro abalo. Apesar de menos violento do que os dois anteriores, o mar voltou a subir novamente e a recuar com a mesma rapidez, de tal maneira que fiquei com água até aos joelhos embora tivesse subido para um pequeno morro, a alguma distância do rio, tendo as ruínas intermédias de várias casas quebrado a sua força. Reparei nessa altura que as águas recuaram tão impetuosamente, que algumas embarcações que navegavam em água com sete braças de profundidade ficaram completamente a seco, e assim continuaram as águas alternadamente, a subir e a recuar várias vezes seguidas. [...] Um comandante de um barco que aqui chegou logo após o 1.º de Novembro, garantiu-me que sentiu o choque no mar a uma distância superior a 20 léguas, com tanta nitidez, que concluiu que tinha na realidade encalhado numa rocha, até que atirou a sonda e não encontrou o fundo; nem ele tinha possibilidade de adivinhar a sua origem até que a aparição melancólica desta cidade devastada não lhe deixou quaisquer dúvidas. Em resumo, os dois primeiros abalos foram tão violentos que na opinião de vários pilotos a localização da barra da foz do Tejo foi alterada. O que é um facto é que uma embarcação que tentou passar pelo canal normal, afundou-se, e uma outra encalhou na areia e foi inicialmente dada como perdida, mas finalmente conseguiu passar. Depois disto, houve outro abalo muito forte

que afectou grandemente o rio, mas penso que não tão violento como os anteriores;

[...] Como houvesse ainda um tremor contínuo da terra, [...] casas que estavam todas a oscilar, [...] encontrei a passagem que desemboca na rua principal, bloqueada pelas ruínas da Ópera, um dos mais sólidos e magníficos edifícios do género na Europa, e concluído tinha pouco tempo, por um preço astronómico.

[...] Quase que não podia dar um passo sem pisar um morto ou um moribundo. Nalguns sítios jaziam coches com os seus donos, cavalos e cavaleiros praticamente desfeitos; aqui, mães com os filhos nos braços, ali damas, ricamente vestidas. Padres, frades, senhores, artesãos, ou no mesmo estado, ou a morrer; uns, tinham as costas ou coxas partidas; outros, enormes pedras em cima do peito. Alguns jaziam quase enterrados no entulho, gritando em vão por socorro aos transeuntes, acabando por morrer juntamente com os outros.

[...] Todos nas mesmas condições miseráveis, dormindo no chão sempre ao relento, e nem uma vez dentro de casa, praticamente sem qualquer resguardo para me defender dos rigores do ar da noite, que nesta altura é extremamente áspero e penetrante. [...] Este lúgubre assunto [...] infelizmente, os horrores do dia primeiro de Novembro são suficientes para encher um volume. Assim que anoiteceu outra cena se apresentou, não menos chocante do que as já descritas. Mal escureceu toda a cidade apareceu em chamas, que eram tão fortes que à sua luz eu podia facilmente ler. Pode dizer-se sem exagero que a cidade estava a arder em pelo menos 100 pontos diferentes ao mesmo tempo, e assim continuou durante 6 dias seguidos, sem interrupção e sem que tenha havido qualquer tentativa para travar o seu alastramento. Foi avançando e consumindo tudo o que o terramoto tinha poupado; e as pessoas estavam tão desanimadas e aterrorizadas, que poucas ou nenhuma se aventuraram a descer para salvar ao menos parte dos seus haveres. Todos tinham os olhos postos nas chamas, em silêncio dorido que só era interrompido pelos choros e gritos de mulheres e crianças pedindo socorro aos santos e anjos, sempre que a terra começava a tremer, e isso aconteceu tantas vezes nessa noite que, na verdade, posso dizer que os abalos se sucederam quase sem interrupção no máximo com intervalos de um quarto de hora.

Nunca consegui saber se este terrível fogo se devia a qualquer erupção subterrânea, conforme relatado por alguns, mas sim a três causas, que, ocorrendo ao mesmo tempo, naturalmente explicam a tremenda devastação que fizeram. Sendo o 1.º de Novembro o dia de Todos-os-Santos, uma festa importante para os Portugueses, como de costume, todos os altares de todas as igrejas e capelas (algumas das quais têm mais de 20) estavam iluminados, com inúmeras velas e lamparinas, e estas por sua vez pegaram fogo às cortinas e madeiras que caíram com o sismo e o incêndio destrutivo alastrou-se em pouco tempo às casas vizinhas. Uma vez aí juntou-se aos fogos das chaminés das

cozinhas e aumentou de tal maneira que seria o suficiente para destruir toda a cidade, mesmo que não tivesse havido qualquer outra causa interveniente, e principalmente porque não encontrou qualquer obstáculo.

[...] Incrível foi o facto [...] de uma quadrilha de bandidos endurecidos que estavam presos e fugiram da prisão, quando as paredes desabaram com o primeiro abalo, ocuparam-se activamente em deitar fogo àqueles edifícios [...] de maneira tão diabólica, [...] quererem aumentar o horror e a confusão para assim melhor terem oportunidade de roubar e saquear em segurança. [...] Em resumo, pode dizer-se que o fogo arrasou de uma forma ou de outra a cidade, pelo menos tudo aquilo que nela era grandioso e de valor. Não se podem avaliar os prejuízos [...] imensos. Todas as tapeçarias raras, pinturas, pratos, jóias, mobílias do palácio do rei, que valiam muitos milhões, com os ricos paramentos e valiosos ornamentos da igreja patriarcal anexa, onde se realizavam as cerimónias religiosas, não sem menos pompa do que na própria capela do Papa. Todas as riquezas do Palácio Bragança, onde estavam guardadas as jóias da coroa, baixelas de valor inestimável, com vastas quantidades das mais raras tapeçarias de seda, algumas entretecidas com fios de ouro e prata, cortinados de veludo e damasco. Todos os valiosos bens e especiarias nos armazéns da Índia, por baixo do palácio, os que pertenciam aos comerciantes das várias nações, na Casa da Alfândega, em frente, bem como os que se encontravam nas casas dos próprios comerciantes ou dispersos pelas numerosas lojas, arderam ou perderam-se completamente. Mesmo aqueles poucos objectos que tinham tido a sorte de escapar às primeiras chamas, não encontraram segurança nos espaços abertos para onde foram levados, tendo ali ardido com as fagulhas que caíam por todos os lados, ou perderam-se na precipitação e confusão em que as pessoas estavam na altura, ou (como no caso de muitos que eu conhecia) roubados por meliantes que se aproveitaram desta calamidade geral. Em relação aos edifícios notou-se que os mais sólidos caíram primeiro e entre estes, para além daqueles já mencionados, estavam os silos do mercado público do trigo, o enorme Hospital Real, no Rossio, o da Misericórdia, que dava abrigo a raparigas órfãs pobres, a maior parte das quais sucumbiu; a bela Igreja do Convento de São Domingos, que continha uma das maiores e mais notáveis bibliotecas da Europa; a grandiosa igreja das carmelitas apoiada em duas filas de colunas de mármore com a imagem milagrosa de Nossa Senhora do Carmelo, que não conseguiu salvar da ruína o templo da sua invocação, a velha Catedral de paredes extremamente espessas, a magnífica igreja dos cônegos membros da Ordem de Santo Agostinho, não muito diferente da nossa, de São Paulo, mas sem comparação quanto a dimensões, e considerada por especialistas como sendo a mais grandiosa obra arquitectónica na Europa e onde jaziam os corpos do falecido rei D. João e vários membros da família real; estas obras funerárias monumentais ficaram esmagadas pelo desabamento da cúpula, o castelo ou cidadela, onde estavam depositados os antigos arquivos e registos, as prisões da Inquisição, ou Santo Ofício como é chamada, e o Limoeiro, onde o Supremo

Tribunal de Justiça se reunia para julgar criminosos. Em suma, é impossível enumerar os prejuízos específicos, apenas em edifícios. Resumindo, todas as igrejas paroquiais, conventos, mosteiros, palácios e edifícios públicos, e um número infinito de casas particulares, ou foram derrubados ou ficaram de tal forma danificados, de que se tornava perigoso passar perto.

[...] Quanto às pessoas que perderam a vida nesta ocasião, [...] no grande Convento de São Francisco, onde viviam 300 frades, o tecto desabou enquanto cantavam no coro, [...] e enterrou quase toda a comunidade, pois escaparam apenas 18, assim como também os numerosos fiéis que assistiam à missa. No mosteiro de Santa Clara pereceram 150 freiras com as suas camareiras; no do Calvário, [...] a maior parte das freiras, [...] bem como uma grande parte dos fiéis, no corpo da igreja, partilharam o mesmo destino. O convento de freiras, inglês, foi de igual modo destruído, mas não consegui saber se morreu alguém. Tive informação fidedigna de que no Convento da Trindade morreram mais de 1500 pessoas. Os que estavam em todas as outras igrejas e capelas sofreram na mesma proporção. Na prisão do Limoeiro, quase 400 pessoas foram esmagadas pela queda brusca de uma parede; [...] o número de mortos, incluindo os que foram queimados ou depois morreram esmagados ao tentarem remover as ruínas, calculado por baixo, é suposto elevar-se a mais de 60 mil. Embora os prejuízos de outra ordem não possam ser avaliados, você pode, contudo, fazer uma ideia do que foram, ao afirmar-lhe que esta extensa e opulenta cidade hoje não é mais do que um imenso monte de ruínas no qual ricos e pobres estão, neste momento, nivelados; muitos milhares de famílias que, no dia anterior, estavam em muito boas circunstâncias, estão agora espalhados pelos campos, carecendo de tudo para a sua sobrevivência e não encontrando ninguém que possa aliviá-los.

[...] Cenas de completa angústia, [...] a visão das ruínas ainda a fumegar,

[...] Havia um mau cheiro a cadáveres, de tal maneira insuportável, que quase desmaiei, e [...] quase que me foi fatal, pois através dele contraí uma febre da qual, Deus seja louvado, me curei rapidamente. Isto, no entanto, tornou-me tão cauteloso no futuro, que evitava passar por certos lugares onde o cheiro era tão nauseabundo que as pessoas começaram a temer infecções. Um cavalheiro disse-me que, quando ia a caminho da cidade, uns dias após o tremor de terra, viu vários corpos estendidos nas ruas, alguns horrivelmente mutilados, supunha ele, pelos cães; outros meio queimados, alguns completamente assados; e que em certos lugares, especialmente perto das portas das igrejas, os corpos jaziam em grande quantidade, amontoados uns por cima dos outros; [...] cheiro pestilento.

[...] Vou mencionar apenas mais um caso relacionado com este terrível acontecimento, pois parece-me nele haver algo de extraordinário. Um tal Sr. Burmester, comerciante de Hamburgo aqui radicado, tinha recebido uma carta,

do seu sócio em Hamburgo, aconselhando-o a retirar uma grande quantidade de linho e outros bens de valor da casa onde residia na altura, para vários armazéns distantes em várias partes da cidade, dando como justificação para esta medida de precaução o facto de ter sonhado 14 noites seguidas que a cidade de Lisboa estava toda a arder. Pode acreditar na veracidade do acontecimento aqui relatado, pois o Sr. Burmester mostrou publicamente a carta a toda a gente. Mas se a recomendação se devia a qualquer aviso sobrenatural, ou era meramente accidental, isso não tem a menor importância, pois ele não seguiu o seu conselho e, portanto, os seus bens tiveram o mesmo destino que os dos seus vizinhos.

Assim, meu caro amigo, dei-lhe um relato genuíno ainda que imperfeito deste terrível Dia de Juízo, que me impressionou tão profundamente que nunca me esquecerei dele. Perdi todo o dinheiro que possuía e não salvei quaisquer outras roupas a não ser as que trago no corpo. Mas o que mais lamento é a perda irreparável dos meus livros e papéis. Para agravar o meu presente infortúnio, aqueles amigos a quem poderia ter recorrido em qualquer outra ocasião, estão agora nas mesmas desgraçadas condições em que eu estou. Porém, apesar de tudo o que sofri, acho que não tenho razão para desesperar, mas antes para dar graças ao Todo-Poderoso por tão obviamente ter salvo a minha vida, no meio de tantos perigos e onde tantos milhares sucumbiram; e creio que essa generosa Providência continuará a proteger-me e indicar-me-á um caminho para me libertar destas dificuldades. Visto haver tanta desordem e confusão aqui, que a justiça deixou de ser praticada, e não sendo natural que venham a ser feitos quaisquer negócios durante os tempos mais próximos, tenciono adquirir a minha passagem para Inglaterra na primeira oportunidade.

Lisboa,

18 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Carta anónima, pp. 161, 167, 169, 171, 173, 175, 179, 181, 183, 187, 189)

– Testemunho comentado –

«Senhor,

Há cerca de uma semana mandei-lhe uma carta pela rainha de Portugal, capitão Rich. Veal, informando-o da destruição total e absoluta desta cidade outrora famosa e mercantil, primeiro por um terramoto, cerca de 57 minutos depois das 9 horas da manhã, seguido por um incêndio. O palácio do rei [a residência oficial

e principal do rei em Lisboa, antes e até ao «Terramoto de 1755», era o Paço da Ribeira; sendo que a família real estava presente no Palácio de Belém durante o «Grande Sismo de Lisboa», o novo Teatro da Ópera [Teatro Ópera do Tejo, localizado junto ao rio Tejo, na zona da Ribeira das Naus, anexo ao antigo Paço da Ribeira; foi substituído pelo Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) em Lisboa, inaugurado em 1793], a Alfândega [era o local onde as mercadorias eram inspeccionadas e as taxas cobradas; também lhe eram inerentes as funções administrativas relacionadas com o comércio, a recepção e expedição de mercadorias, e a administração de impostos], a Casa da Índia [foi destruída pelo Terramoto que abalou Lisboa em 1755, juntamente com o Paço da Ribeira onde se localizava; tinha ao seu encargo a organização administrativa do comércio com a Índia e outros territórios ultramarinos], o Tesouro [o local físico que abrigava os tesouros do Estado português, sendo que a «Casa do Tesouro», após o Terramoto de 1755, passou a designar o palácio temporário da corte portuguesa, a «Real Barraca» ou «Paço de Madeira», construído na Quinta de Cima em Belém-Ajuda], como todos os edifícios públicos em geral, foram vítimas desta terrível conflagração. O incêndio ia aumentando ao passo que queimava, pois ao segundo abalo do terramoto todos os habitantes procuraram fugir, embora muitos milhares morressem nessa tentativa, tendo sido atingidos na cabeça e ficando sepultados sob as casas que ruíam à medida que passavam por elas, de forma que, quando o incêndio começou, não havia habitantes na cidade para o apagar. Lavrou durante nove dias e nove noites com fúria incrível. Ontem andei pela cidade para a observar; não havia sinais de ruas, vielas, praças, etc., apenas colinas e montes de destroços ainda a fumegar. Sua Majestade, a rainha e os filhos permanecem acampados em Belém, e todos os habitantes que sobreviveram estão acampados em pequenas tendas sobre as colinas em redor da cidade. As nossas apreensões ainda não terminaram, pois ontem de manhã, cerca de dez minutos antes da uma, tivemos um tal abalo que nos alarmou ao extremo, e logo ouvimos gritos e vimos toda a gente de joelhos em oração. Cerca de meia hora depois das quatro, nessa mesma tarde, tivemos outro, mas não tão temível: e assim tem sido desde há 18 dias. O cenário de miséria e destruição é tão horrível, que o sangue se nos arrefece ao dar-vos uma descrição dele. Escrevi uma carta ao meu pai, informando-o das minhas desgraças e pedindo ajuda. A maioria dos mercadores está absolutamente arruinada; há duas casas que perderam 50 000 libras cada, nenhuma delas sabe quem são os seus devedores, tendo os seus livros de contabilidade sido consumidos pelas chamas e, ainda que os tivessem salvo, para que lhes servissem, tendo-se os habitantes em geral tornado insolventes nesta desgraça. Ontem o meu filho e o jardineiro foram ver da nossa pequena quinta no campo; voltaram no dia seguinte e disseram-nos que, não só as casas, mas os próprios muros que rodeavam a terra caíram, havendo apenas desolação e sofrimento; contudo, resta-me a consolação de que conseguirei salvar os meus jardins e a maioria da sua colheita e de que a minha terra não foi engolida. Revolvemos

agora os destroços da minha casa na esperança de algum resultado. No dia 31 de Outubro último encontrava-me num estado muito próspero e logo no dia seguinte vimo-nos, eu e a minha família, subjugados pela miséria.

Lisboa,

19 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Carta Anónima, pp. 197, 199)

– Testemunho comentado –

«Senhor,

Informei-o na minha última [carta] da minha chegada a salvo aqui, mas muito poucos dias depois quis o Todo-Poderoso operar uma modificação de natureza muito inesperada, e em poucos minutos transformou alegria em profundo e triste sofrimento, como sabereis por todos desta Feitoria [Britânica; o termo genérico (mais comum e popular), é «feitoria inglesa»]; era um estabelecimento comercial de comerciantes britânicos, maioritariamente constituído por ingleses a viver e negociar-comerciar em Portugal] que foi próspera, assim como por mim que fui um espectador da sinistra catástrofe; a minha maneira de a relatar será simples, verdadeira e concisa.

No sábado 1.º do corrente levantei-me às cinco para retirar o meu navio da Alfândega de acordo com as minhas ordens; às nove navegámos para baixo e ancorámos ao largo da extremidade superior das Tercenas [o autor refere-se à Ribeira das Naus; em 1755, era um importante complexo de estaleiros navais (da construção naval do Império Português) e arsenal militar (dos navios, munições, fundição de artilharia, equipagem e preparação militar das embarcações portuguesas) em Lisboa, destruída pelo Terramoto, maremoto, tsunami e incêndio que devastaram a cidade], com vento de NE numa leve brisa e manhã boa e clara; dez minutos antes das dez senti no navio um movimento invulgar e não pude deixar de pensar que tinha encalhado, embora seguro da profundidade da água. À medida que o movimento aumentava, o meu espanto aumentava também, e quando estava a olhar em redor para descobrir o significado deste invulgar movimento, fui imediatamente informado da terrível causa; quando, nesse momento, olhando em direcção à cidade, observei os edifícios altos e majestosos a desabarem com grandes fendas e barulho, e especialmente aquela parte da cidade que vai desde São Paulo em linha recta até ao Bairro Alto, bem como, ao mesmo tempo, aquela outra desde a referida igreja, ao longo do rio para leste até às galés e, depois, em linha curva de novo

para norte; e mesmo São José [sendo que de São José, freguesia, dela constavam vários edifícios: como a Igreja de São José, o Palácio dos Condes do Redondo, o Palácio dos Condes da Ericeira e respectiva colecção de pintura e biblioteca, o Convento de *Corpus Christi*, e demais casario] e o Rossio foram arrasados em três abalos seguidos e subsequentes, tão violentos, segundo ouvi dizer a muitos, que com grande dificuldade podiam aguentar-se nas pernas.

Quase todos os palácios e grandes igrejas abriram fendas ou ruíram parcialmente, e quase nenhuma casa desta vasta cidade ficou habitável. Todos os que não morreram esmagados fugiram para os locais espaçosos e os que se achavam próximos do rio fugiram para se salvarem em barcos ou qualquer outro meio de navegação, correndo, chorando e pedindo ajuda aos navios; mas, enquanto a multidão estava reunida próximo da margem do rio, a água subiu a uma altura tal que ultrapassou e inundou a parte baixa da cidade; e isto aterrorizou tanto os pobres e já apavorados habitantes, que se puseram a correr de um lado para o outro com gritos horríveis por nós ouvidos claramente a bordo, acreditando estar a dissolução do mundo próxima; todos caindo sobre os joelhos a implorar auxílio ao Todo-Poderoso.

[...] Súbito avanço da água, [...] mar em retirada, que vazou e encheu, vazou e encheu, em quatro ou cinco minutos. Os navios perto da margem e que numa maré baixa tocam no fundo, ficaram, num instante, a flutuar num minuto ou dois deixados em seco e de novo postos a flutuar, senso arremessados uns contra os outros; a maré tornou-se tão rápida para leste e para oeste, que os navios, rodopiando com rapidez, se perderam uns dos outros. Foi surpreendente observar vários navios grandes, que estavam em seco na Boavista [junto ao rio Tejo, nas freguesias de São Paulo e Santos], a desencalhar e a serem levados rio abaixo. Todo o rio estava coberto de barcos, navios, madeira, mastros, objectos domésticos, pipas, etc. Nem uma coisa resta no estaleiro do rei ou arsenal, e a madeira que não foi levada pelas águas junca as ruas de tal forma que as torna intransitáveis. Observei o rio na barra a cobrir-se de espuma, como se agitado por uma tempestade. O castelo do Bugio [Torre do Bugio ou Torre de São Lourenço da Cabeça Seca] ficou tão inundado pela água que a guarnição disparou vários tiros em sinal de socorro e foi obrigada a retirar-se para a parte superior da torre. Segundo o meu melhor cálculo, a água subiu cerca de dezasseis pés em cerca de cinco minutos e baixou no mesmo tempo por três vezes; [...] observei que na altura em que a cidade caiu, o mesmo aconteceu no lado oposto do rio, onde também caíram muitas casas e a areia veio deslizando para o rio, o que levantou uma tal poeira que perdi de vista a cidade, rio e navios durante cinco minutos. A terra abriu e rachou-se em vários locais e muitos recearam ser engolidos.

[...] Muitos dos nacionais, rodeando os ingleses, não os deixavam mexer, dizendo estarem a salvo na sua companhia, ao verem que eles estavam menos apavorados, facto que revigorou os atingidos. O medo, o sofrimento e os

lamentos dos pobres habitantes são inexprimíveis; cada qual pedindo perdão e abraçando-se uns aos outros: gritando, perdoa-me, amigo, irmão, irmã! Oh! O que será de nós! Nem água nem terra nos protegerão e o terceiro elemento, fogo, parece agora ameaçar a nossa destruição total! Como aconteceu, com efeito.

A conflagração durou uma semana inteira, no fim da qual, o incêndio não tendo mais nada para devorar, os senhores ingleses começaram a cavar, à procura dos seus bens restantes. [...] O dinheiro salvo do fogo estava tão enegrecido que levou a que se especificasse se os pagamentos de qualquer espécie eram para ser feitos em moeda preta ou clara. Os baús de ferro foram as únicas coisas que salvaram o numerário de muitos.

[...] O que contribuiu principalmente para a destruição da cidade foi a estreiteza das ruas. Não se pode exprimir por linguagem humana quão terrível e quão horrível foi entrar na cidade depois do incêndio ter diminuído; olhando para cima, ficava-se tomado de horror ao observar pirâmides assustadoras de fachadas em ruínas, algumas inclinando-se para um lado, outras para outro; depois, pelo contrário, ficava-se aterrorizado ao observar cadáveres aos seis e sete num monte, esmagados, meio enterrados e meio queimados; e se se andasse através de largos grandes ou praças, nada se encontrava senão pessoas lamentando os seus infortúnios, torcendo as mãos e gritando que o mundo estava a acabar. Saindo-se da cidade, não se vêem senão barracas ou tendas feitas de lona ou velas de navio, onde os pobres habitantes se alojam.

Ao quarto dia, o rei deu ordens para que fossem colocados soldados em todas as vias transitáveis da cidade para impedir pessoas de roubar as casas desertas; [...] apanharam-se ladrões que, ao serem encontrados com objectos em seu poder não parecendo pertença de ninguém, foram condenados e enforcados no dia seguinte; para este fim foram erigidas forcas nas partes mais visíveis da cidade. Depois, o rei empenhou-se no alívio do seu povo, assegurando todo o trigo, farinha e arroz, dos quais foram oferecidas grandes quantidades, especialmente pelos Ingleses, de modo que os receios de fome em breve de dissiparam, e foram dadas ordens para pôr todos os moinhos a trabalhar; mandaram-se abrir novos açougues [degoladoiros, carniçarias] sendo enviados bois e ovelhas de todas as partes do reino. Os navios foram detidos até ser feita uma busca rigorosa e os capitães jurarem não ter recebido mercadorias que não as pertencentes aos mercadores e proprietários.

Todas as provisões são agora admitidas livres de impostos, até o peixe, que dantes pagava um imposto elevado. Como os abalos, embora pequenos, são frequentes, as pessoas continuam a construir casas de madeira nos campos, mas o rei ordenou que não se construíssem casas a oeste de Alcântara. O governo está atarefado com o estabelecimento de uma Alfândega, etc., para a

entrada de mercadorias, a fim de possibilitar a retoma do comércio, mas não foi ainda fixado nenhum lugar, portanto os navios para entrar estão parados. [...]

Lisboa,

19 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Carta Anónima, pp. 207, 209, 211, 213)

– Testemunho comentado –

«Querida Irmã,

Sento-me para te relatar a terrível catástrofe que aconteceu à outrora próspera cidade de Lisboa, agora cenário de terror e desolação. No primeiro dia deste mês, às nove e meia da manhã, um súbito terramoto abalou-lhe as fundações e pô-la em ruínas. Nesta hora fatal, as igrejas estavam repletas; e como a sua queda foi momentânea e não deu tempo para a retirada, os que se encontravam nelas morreram esmagados.

É impossível descrever os olhares aterrorizados dos habitantes fugindo em várias direcções para evitar a destruição.

Muitos juntaram-se na margem do rio na esperança de salvar as suas vidas por meio de barcos. Supunha-se que o cais da Alfândega era um lugar de segurança; mas, infelizmente, ficou inundado bem depressa e aqueles que fugiram para lá, apenas escaparam da cidade em queda para encontrar uma sepultura na água. Pais e mães foram vistos a procurar os seus filhos, e filhos a buscar os seus pais. Alguns passaram para o lado do Algarve, a margem oposta; e alguns pela pressa e confusão que se seguiram, não conseguiram encontrar, durante vários dias, os seus amigos e parentes.

[...] [Das expressões] «Casas caídas»; [...] «perigo de ser esmagado»; [...] «ruíam de todos os lados»; [...] «telhados de casas já desabadas»; [...] «muitos dos desalojados, sem dinheiro e na mais completa desgraça»; [...]

Várias pessoas foram desenterradas vivas das ruínas, tendo permanecido dois ou três dias em galerias subterrâneas e adegas e sendo encontradas pelos seus gritos e gemidos lastimosos. Em cenas de confusão geral, a vilania e rapina predominam. Para a pilharem com maior segurança, incendiaram a cidade em muitos sítios; de forma que o que o terramoto poupou, destruiu-o a conflagração. Os conventos, em geral, caíram. Algumas das freiras, meio enterradas, foram

retiradas das ruínas; muitos foram mortos e outros tratados com grande brutalidade.

[...] Durante o terramoto, o Tejo sofreu uma violenta agitação. Um navio mercante, sob a pilotagem de um inglês, de nome Maskall, ficou a seco na barra [a barra é o estuário, a entrada, a zona de transição entre o rio e o mar], em virtude de o mar ter entrado altíssimo e, pelo seu refluxo, voltou quase instantaneamente a flutuar.

Grandes quantidades de baixela e jóias que decoravam as esplêndidas igrejas foram destruídas; particularmente na de São Paulo, uma grande cruz de diamantes num baú de pórfiro [rocha muito valorizada desde a antiguidade], de valor inestimável. Muitas senhoras ficaram reduzidas a um saiote e capa, dando-se por felizes; [...] e, embora pareça estranho, não é menos verídico que, devido ao terror, o cabelo da tua cunhada, de um bonito ruivo, tornou-se completamente grisalho. Tão grande foi o terror que a chocante cena causou no seu espírito que, mesmo regressada a Londres, não conseguia dominar o seu medo, de tal maneira que, ao tremer a casa devido a uma carreta ou carroça, continuava a fugir para a rua longo tempo após estes factos.

Apesar de tratarmos de assunto tão sério, devo informar-te da seguinte circunstância engraçada. Tendo o nosso carpinteiro e o seu pessoal ido a terra construir uma barraca ou casa temporária para o doutor Scrafton, fiquei surpreendido por os ver regressar certa manhã cedo em grande pressa. À sua aproximação do navio, soltaram gritos ferozes; e quando subiram a bordo, perguntei porque tinham fugido. «Fugido!» replicou o carpinteiro, «pois este é o país do diabo, digo eu; a casa está por terra». «Por terra!» retorqui eu, «então, carpinteiro, deve ir e reconstruí-la». «Eu tenho de obedecer a ordens, é certo», disse o carpinteiro, «mas raios me partam se fico em terra».

Assim, minha querida irmã, te fiz um relato deste terrível acontecimento, tão bom quanto o tempo permite; e tem a certeza de que sou, em todas as ocasiões,

O teu mais afectuoso irmão,

James O'Hara

P. S. [*Post scriptum*] – Depois de ter escrito o anterior, acompanhei o almirante Broderick por entre a maior parte das ruínas desta cidade, ainda há pouco famosa pela sua riqueza [feita de luxo, ostentação e sumptuosidade] e comércio. Nunca olhos nenhuns contemplaram uma cena tão horrível, tão tremenda e tão

solene. A Lua, que então estava cheia, brilhando resplandecentemente sobre o Tejo, deu-nos uma vista nocturna deste destroço da Natureza.

O uivar dos cães, o fedor dos cadáveres, junto com a escuridão que de vez em quando se espalhava à volta, por a Lua estar por vezes obscurecida, deu-me alguma ideia daquele colapso geral, quando Sol e Lua já não existirem; e encheu-me o espírito de meditações, que só uma tal cena podia inspirar.

Durante a nossa volta encontrámos uma casa pequena, uma simples casa de campo, escapada à destruição geral. Pertencia a um curtidor inglês. Deste modo se ergue o simples salgueiro, enquanto o carvalho imponente submete a sua cabeça arrogante às rajadas violentas de Bóreas [na mitologia grega é o deus do violento Vento Norte, que representa-simboliza Tempestades e Inverno]. Uma circunstância é digna de nota, o mecanismo de um relógio parou às nove e meia, hora a que o terramoto começou, o ponteiro ainda indicando a hora; e se não tivesse sido derrubado, como já foi desde então, teria servido como recordação perpétua da badalada fatal.

Lisboa,

12 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Carta de James O'Hara a sua irmã, pp. 221, 223, 225)

– Testemunho comentado –

«Meu Caro Amigo,

Presumo que terá sabido, antes que esta [carta] chegue a si, do acidente fatal, ou melhor, providência vingadora [da religião e da ideia do castigo divino], que quase destruiu esta cidade e danificou bastante muitos outros locais consideráveis; mas ao receber este relato, tão completo quanto autêntico, persuado-me que me dareis crédito quando eu digo que apenas um impulso de amizade podia ter-me empenhado a escrever uma carta tão longa, no meio da pressa e confusão inexprimíveis às quais devereis imputar alguma inexactidão de que eu seja culpado. Para que eu possa, contudo, ser tão metódico e exacto quanto possível, começarei por vos dar um breve relato da cidade de Lisboa, como se encontrava antes do recente e terrível terramoto.

Lisboa chamava-se antigamente *Olisipo*, [...] mas é mais razoável supor que derivou de *Allis Ubo*, [...] uma baía agradável;

O porto, pela sua situação no oceano ocidental, é um dos mais amplos da Europa: possui grandeza bastante para conter 10 mil navios com comodidade e mesmo os maiores navegam com segurança em frente das janelas do palácio real.

[...] A cidade situa-se no lado norte do Tejo, sobre sete colinas, muito íngremes em vários lugares. As ruas nas vertentes das colinas são mantidas limpas pelas chuvas, mas as planas são intoleravelmente sujas. A sua forma é irregular, estendendo-se pelas margens do rio. [...] As casas são, na maior parte, velhas e de má qualidade, mas as que foram reconstruídas têm uma aparência melhor; as da nobreza e pequena nobreza, todas construídas em pedra, possuem beleza e imponência. [Do património e inventário patrimonial]. Existem 25 mosteiros, 18 conventos e vários hospitais grandes, além de cerca de 130 fraternidades de laicos [do vínculo com ordens religiosas], que têm capelas e mantêm padres para nelas officiar. A catedral [Sé de Lisboa ou Catedral de Santa Maria Maior] é um grande edifício gótico ricamente adornado por dentro e embora de aparência exterior desajeitada e rude, situando-se, contudo, sobre uma das colinas, proporciona uma aparência muito grandiosa à distância entre os outros edifícios públicos. O grande hospital [Real Hospital de Todos-os-Santos] obriga-se a receber, sem distinção, pessoas de todas as categorias, nações e religiões. O rei D. Filipe II de Espanha construiu o palácio real [do erro-equívoco da afirmação: quem mandou construir o Paço da Ribeira foi D. Manuel I, no início do séc. XVI; no séc. XVII (início), Filipe II de Espanha, I de Portugal, mandou-o alargar] quando tomou o reino [de Portugal e dos Algarves]; [...] os mercadores reúnem-se numa grande praça em frente dele; o mercado principal fica quase contíguo. A melhor praça em toda a cidade situa-se junto do grande hospital e chama-se Rossio [Baixa de Lisboa]. Há outro palácio real, também próximo do rio, que foi construído pelo famoso marquês de Castelo Rodrigo, que se passou para os espanhóis [do Palácio Corte-Real, reconstruído por Cristóvão de Moura, marquês de Castelo Rodrigo, e do favorecimento de Filipe II de Espanha]. O castelo de Lisboa [Castelo de São Jorge] é um edifício sólido e antigo, erguendo-se numa das colinas mais elevadas, notável apenas pela sua grandeza e construído ao gosto mourisco [do estilo arquitectónico islâmico; sendo que o Castelo de Lisboa é um dos exemplos mais proeminentes da mistura de estilos da arquitectura mourisca e medieval portuguesa, com robustas muralhas em pedra, ameias defensivas e pátios interiores]. O rei D. João III foi o primeiro a estabelecer a Inquisição em Portugal, com o consentimento do Papa Clemente VII, no ano de 1526: [...]

[...] Era de desejar que esta nação [o povo português] [...] abolisse uma instituição tão terrível [fala da Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, criada em Portugal em 23 de Maio de 1536 (doc., do erro, Papa Clemente VII e do ano do édito papal, 1526; da confusão das negociações iniciais com a Santa Sé durante o seu pontificado), pela bula papal *Cum ab nihil magis*, «para o português sem

nada mais», sendo Papa Paulo III e rei de Portugal D. João III, formalmente estabelecida em Évora, coincidente com a presença da corte na altura (oficialmente criada em Outubro de 1536), com o objectivo de punir os crimes contra a fé católica, como a heresia (blasfémia) e a apostasia (abandono, renúncia), e com o intuito de preservar a ortodoxia (da tradição-crença) religiosa católica no reino português; foi formalmente extinta a 31 de Março de 1821 pelas Cortes Constituintes, órgão legislativo para a elaboração de uma Constituição portuguesa, após a Revolução Liberal de 1820], visto que o recente e terrível terramoto aconteceu num dia dedicado a triunfar sobre os infelizes desgraçados que tinham caído vítimas do seu zelo iludido [da associação religiosa do Terramoto e da crítica].

Tal, meu caro amigo, era o estado desta cidade no trigésimo dia de Outubro, 1755; [...] a razão para a nossa saída da cidade nesse dia provém de que o primeiro de Novembro (sendo a Festividade de Todos-os-Santos) é fixado para a celebração do auto-de-fé e neste dia proferem-se frequentemente insultos a protestantes [o autor-relator lavra no erro equivocado, pelo simples facto de Lisboa jamais ter visto nenhum auto-de-fé celebrado no dia 1 de Novembro desde a oficialização do Tribunal Inquisitorial, nem sequer de 1755 até à sua extinção; donde, do desfasamento-desvirtuamento histórico e da inquinação-preconceito religioso]: a este infeliz fanatismo, que traz muitos dos habitantes do País a Lisboa para ver o cruel espectáculo, se ficou a dever a morte de muitos mais Portugueses, que teriam morrido de outra maneira [da opinião infundada negativa estereotipada e do juízo pré-concebido; do antagonismo religioso Protestantismo *versus* Catolicismo], e a preservação dos Ingleses e outros estrangeiros protestantes.

No primeiro de Novembro, 1755, entre as 9 e as 10 horas da manhã, tivemos o terramoto mais violento que talvez jamais se tenha feito sentir na Europa; relatar as consequências deste triste desastre é completamente impossível, contudo, irei informá-lo de tantas circunstâncias quantas for capaz. Em cerca de cinco minutos o palácio e a maioria dos edifícios públicos foram destruídos; poucas das igrejas ou capelas ficaram de pé e o número de vidas perdidas diz-se ser maior do que 40 mil. As águas nas cisternas, que estavam sob o chão, moveram-se violentamente para trás e para a frente de forma que levantaram muita espuma; toda a gente saiu a correr das casas e igrejas na maior consternação e até mesmo os padres abandonaram o altar!

O palácio do rei está inteiramente destruído, embora felizmente nenhum acidente tenha acontecido à família real, estando eles em Belém à hora do terramoto, ainda que o palácio em que aí viviam tenha sofrido algum dano. O Conde de la Perellada, o embaixador espanhol nesta corte, morreu esmagado pela queda do pórtico da sua casa e nove dos seus criados morreram igualmente.

[...] À hora a que o terramoto começou estava eu a escrever num gabinete, no cimo de um lanço de escadas; senti um abalo surpreendente e, incapaz de adivinhar o que se passava, corri de imediato para a janela, e a primeira coisa que me chamou a atenção foi a esquina de uma casa a cair sobre duas pessoas que iam a passar; isto foi muito mau, mas, menos de um minuto depois, vi a minha mulher e filha (que tinham corrido para a rua ao primeiro abalo) morrerem esmagadas pela queda da parte restante da mesma casa; apressei-me imediatamente para o local com um desejo terno de as ajudar, mas, ai de mim! Era demasiado tarde! – Então, apressei-me o mais que pude para a grande praça [é provável que se esteja a referir ao Terreiro do Paço], que, sendo um lugar aberto, eu entendi que seria o mais seguro; enquanto eu corria para lá, observei uma das melhores ruas de Lisboa a afundar-se na terra e todas as pessoas nela (que eram, sem dúvida, algumas centenas), devem, por conseguinte, ter perecido. Um lado da rua em que eu vivia desapareceu inteiramente. A família do Sr. S... está enterrada nas ruínas; – o Sr. M... partiu uma perna pela queda de uma grande pedra de uma casa; e a menina P..., parente da vossa esposa, está tão ferida que receamos que nunca recupere. Em resumo, Lisboa tornou-se um monte de ruínas e os seus habitantes os miseráveis mais infelizes sobre a face da terra! Não temos camas para nos deitarmos e quase nada para comer. Muitas pessoas vivem em tendas nos campos –. Sua Majestade colocou um embargo em todos os navios, para que as suas provisões possam, nalguma medida, prover às necessidades dos infelizes habitantes do «lugar que foi, mas já não é Lisboa». Esta precaução oportuna irá aliviar os nossos sofrimentos em grande grau e impedir a adição [da soma] de fome às calamidades já sentidas por esta cidade verdadeiramente desgraçada.

O núncio neste local [representante diplomático permanente da Santa Sé (Vaticano); sendo que de 1754 a 1760, o núncio apostólico em Lisboa foi Monsignore Filippo Acciaiuoli] escreveu ao núncio em Madrid nos seguintes termos:

Reverendo e Caro Senhor,

Já deveis ter sabido antes da terrível calamidade que aconteceu a esta cidade; mas eu tenho um pormenor a relatar, do qual não podeis ter sido informado: a cruz no meu gabinete foi o único objecto móvel em toda a casa que não foi deslocado. Suponho que concluireis como eu, que há algo de milagroso na sua preservação, já que todos os outros utensílios se encontram, por assim dizer, destruídos. A nossa tristeza e consternação são inexprimíveis, mas a nossa fé

está na Misericórdia Divina. Eu confio-vos ao cuidado do Todo-o-Poderoso, e sou,

Caro Senhor,

Muito Sinceramente, Vosso Amigo e Criado,

Do local que

Em tempos foi Lisboa.

Mal o tremor tinha cessado, um bando de patifes sem remorso começou a pilhar as casas que estavam desertas, pois os habitantes fugiram não sabiam eles para onde, com receio de que os edifícios caíssem sobre as suas cabeças; tão cedo quanto possível, guardas adequados receberam ordens para capturar saqueadores e disparar contra eles em caso de resistência. Aconteceu ir eu a passar na altura em que os oficiais estavam a entrar numa casa para capturar um bando, que ali roubava tudo aquilo a que podia deitar a mão; e um deles, vindo à janela de um quarto, exibiu uma espécie de bacamarte [antiga arma de fogo de cano curto e largo], praguejou violentamente que a primeira pessoa que se atrevesse a entrar era um homem morto nesse momento: [...] matou um dos oficiais e feriu outro no peito de uma forma muito grave, o terceiro, contudo, desarmou-o e ele foi imediatamente capturado, levado para a prisão e executado no dia seguinte. Ao revistar a casa, eles encontraram outro dos patifes [...] que partilhará o mesmo destino que o seu irmão bandido, [...]

Conheço uma senhora que perdeu o melhor dos maridos e tenho boas relações com um senhor que casou na própria manhã em que aconteceu o terramoto. A sua esposa [...] acabar [...] morrer [...] pela queda de uma chaminé. Tudo tinha terminado e ela exalava o seu último suspiro [...]

O grande edifício aqui pertencente à Inquisição [da mentalidade cultural, religiosidade e confrontação; da raiz do mal e pecados dos homens] foi inteiramente destruído pelo primeiro abalo. A terra abriu em vários locais, dos quais brotaram terríveis chamas [do imaginário fantasioso justificativo do Grande Incêndio; as entranhas da terra a cuspir fogo e a abrasar as pessoas pecadoras, a ideia no firmamento do subconsciente do narrador deste testemunho]. Vários navios no Tejo foram quer engolidos pela agitação das águas [maremoto-tsunami], quer afundados pela queda do palácio real [do exagero quimérico

fantástico da-desta causa atribuída] e outros edifícios situados nas margens do rio [do plural hiperbolizante dos «navios engolidos» e da exageração causada pelo «desmoronamento do Paço da Ribeira», palácio real de Portugal em 1755, como factor-causa da inundação da zona ribeirinha, tendo sido provocada na realidade pelo tsunami].

Ao mesmo tempo, os vários rios que irrigam o reino subiram a uma altura extraordinária [do plural e da hipérbole da exageração] e, inundando as suas margens, provocaram grande dano à região adjacente. As montanhas mais consideráveis neste reino e no dos Algarves, particularmente as da Estrela, Marvão, Sintra, Arrábida, Montejunto [serra], etc., sentiram igualmente o abalo. Algumas foram desconjuntadas e boca dos delas atirados para os vales. As cidades que mais sofreram foram: Vila Nova de Portimão, Tavira, Castro Marim, Beja, Elvas, Portalegre, Setúbal, cujas salinas precisarão de muitas reparações, Porto, Bragança, etc.

Nenhum abalo tendo sido sentido desde o primeiro às dez da noite, o rei e a família real aventuraram-se a regressar àquela parte do Palácio de Belém que o terramoto poupou e que foi escorada; e um grande número de pessoas está ocupado a escavar as ruínas para recuperar os bens mais valiosos.

O terramoto foi sentido em Tarifa, que fica a pequena distância do estreito de Gibraltar; e imaginamos que tenha feito algum dano na Fortaleza de Gibraltar, pois os abalos foram muito violentos nessa região de Espanha.

Acabei de vos fazer, Caro Senhor, o melhor relato do que pude saber deste terrível acontecimento, e sou,

O seu angustiado, mas sincero amigo,
e humilde criado.

9 Nov., 1755».

(*op. cit.*, Um Relato Minucioso do Recente e Horrível Terramoto em Lisboa: Com o prejuízo sofrido nesse acidente fatal. Numa carta de um senhor de veracidade indubitável residente em Lisboa, a um mercador em Londres, que publica este relato inicial por um princípio de benevolência para satisfazer a curiosidade do público, pp. 233, 235, 237, 239, 241, 243)

De propósito e no fim final, este é um texto-documento de abordagem-enquadramento histórico, fundamentado em onze – 11 testemunhos britânicos comentados da época e partilhados com o grande público – que disserta do facto marcante que destruiu Lisboa, a cidade capital e Metrópole do Reino-Império de Portugal, no dia 1 de Novembro de 1755, e que assinala a memória dos 270 anos do «Grande Terramoto» – 1 de Novembro de 1755 d.C.-1 de Novembro de 2025 d.C. – um sábado, Dia de Todos-os-Santos.

O «Grande Terramoto de Lisboa de 1755» é o maior Sismo de que há notícia-memória histórica. Do impacto, legado e identidade, fica o *factum* de Lisboa ser um caso de estudo único de uma capital europeia e mundial totalmente destruída e reconstruída – Lisboa, cidade Fénix! – que marca a história da Metrópole portuguesa, sendo um símbolo da resiliência e superação do Povo Português, e um marco da História de Portugal.

Das palavras o sentimento!

Disse.

Professor do Agrupamento de Escolas n.º 1 de Beja.

O autor escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Carlos Calixto